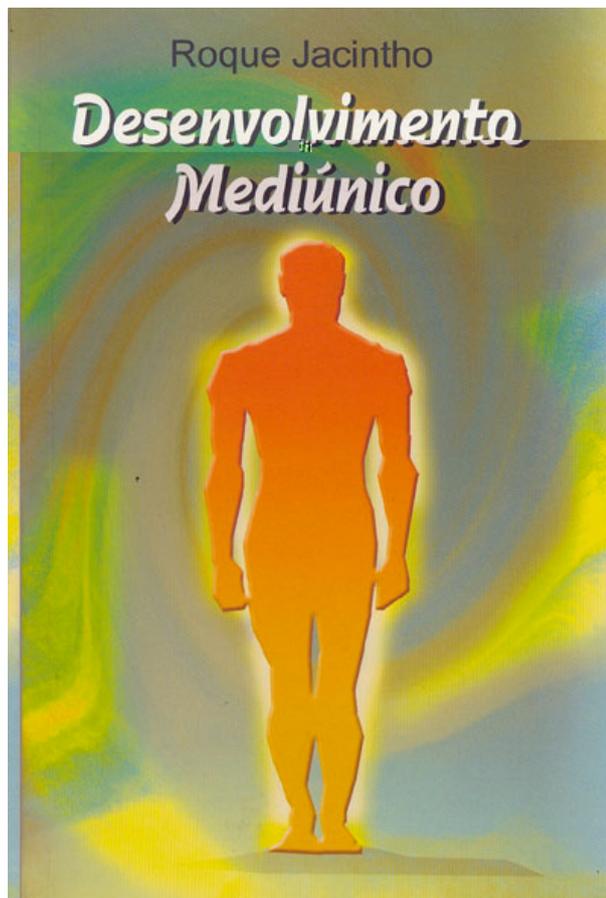


DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

ROQUE JACINTHO



INDICE

Que a Lei se cumpra

1 — Médiuns

2 — Obsidiados e mediunidade

3 — Crianças e mediunidade

4 — Enfermos e mediunidade

5 — Perturbação e mediunidade

6 — Pré-desenvolvimento

7 — Iniciação mediúnica

I — Culto do Evangelho no Lar

II — Culto da Assistência

III — Reforma íntima

IV — Templo Espírita

V — Estudos coletivos

8 — Missão ou expiação?

9 — Variedade de dons

10 — Prática mediúnica

11 — Desenvolvimento mediúnico

12 — Mediunidade e cristianismo

13 — Mecanismo das comunicações

14 — Afinização

15 — Atmosfera mental

16 — Influenciação

17 — Mediunidade gratuita

18 — Mediunidade e oração

19 — Mediunidade e estudos

20 — Mediunidade e humildade

21 — Mediunidade e amor

22 — Mediunidade e caridade

23 — Guia Espiritual

24 — Orientador mediúnico

- 25 — Exercício mediúnico
 - I — Concentração
 - II — Oração
 - III — Auto domínio
 - IV — Vigilância dos gestos
 - V — Vigilância das palavras
 - VI — Vigilância dos pensamentos
 - VII — Dúvida e hesitação
 - VIII — O medo
 - IX — Interferência mediúnica
 - X — Alimentação e tóxicos
- 26 — Ficção filosófica
- 27 — Ficção científica
- 28 — Ficção religiosa
- 29 — Animismo e comunicações
- 30 — Mistificações
- 31 — Mensagens duplicadas
- 32 — Componentes da reunião
 - I — O dirigente
 - II — Explicadores
 - III — Médiuns colaboradores
 - IV — Passistas
 - V — Esclarecedores
 - VI — Médiuns em desenvolvimento
 - VII — Acompanhantes e visitas
- 33 — Os afoitos
- 34 — Equipe de serviços

-
- 35 — Mecanismo das reuniões
- I — Passes
 - II — Orientação individual
 - III — Oração de abertura
 - IV — Evangelhoterapia
 - V — Sobre mediunidade
 - VI — Concentração
 - VII — Ação dos esclarecedores
 - VIII — Ação dos passistas
 - IX — Palavra do Mentor Espiritual
 - X — Encerramento
- 36— Questões finais
- I — Manifestação espontânea
 - II — Comunicações ininterruptas
 - III — Comunicações simultâneas
 - IV — Ausência de comunicações
- 37— Ampara-nos, Senhor!

QUE A LEI SE CUMPRA

Moisés, o profeta de Israel, ensimesmara-se!

Revia os anos em que, sob os olhos fraternais de Termutis, repletara o próprio coração de noções espirituais divinizadas, hauridas de almas enobrecidas e grandiosas, e sentira o impulso de difundir aquelas preciosas intuições a todos os povos.

No entanto, à sua volta, os homens que conduzia pelos desertos em busca da Terra da Promissão, acolhiam a iniciação espiritual que lhes ofertava o legislador hebreu com um capricho de crianças. Indagar os mortos...

As aspirações de seus conduzidos ainda estavam no nível do dia a dia, sem que uma luz maior lhes florescesse no íntimo e, não raro, os surpreendia em colóquios impróprios com os Espíritos, aviltando o intercâmbio entre as duas esferas de nosso Mundo, a carnal e a espiritual.

Nessa prática, laços comprometedores eram criados! Almas enceguecidas pelo egoísmo e pelo orgulho, distantes das regiões celestiais, apropriavam-se dos umbrais mediúnicos e espargiam as suas fantasias e as suas afirmações malsãs, assenhoreando-se emocionalmente das criaturas que se deixavam amornar em seus trabalhos e nas lutas ásperas e edificantes e passavam, então, a aguardar que os visitantes invisíveis viessem isentá-los de seus deveres.

Oh! Como era diverso dos templos do Egito! Naqueles círculos de iniciação se aspirava o bem. . .

O vento morno do deserto quebrou-lhe a reflexão. Soergueu-se de alma doída. Olhos profundos, contudo, espelhando um ânimo inquebrantável e mente em simbiose com os Espíritos que presidiam o extraordinário amadurecimento de toda uma raça, sob o sol causticante e as noites gélidas. . .

E incisivo afirmou, com sua autoridade de condutor:

— Que ninguém interrogue os mortos para saber a verdade! Era um preceito de sua lei.

Séculos mais tarde. O marulho de brandas ondas. . .

E, no perfume das ervas orvalhadas, às margens do lago de Genesaré, que recolhia as águas do generoso rio Jordão, Jesus se destacara esclarecendo as multidões:

— Não vim destruir a Lei. Vim dar-lhe cumprimento. Após a prédica, a tarde caíra serena. E uma noite amantilhada de estrelas que envolviam a face da Terra em meiga claridade se fizera, atapetando de cinza as veredas e escarpas por onde palmilharam os discípulos do Rabi da Galiléia, seguindo o Mestre até o Monte Tabor.

No sopé da elevação, Jesus destacara três amigos. O reduzido quarteto tomara distância dos demais, atingindo o cume do monte e, no seio da vegetação abundante e à

sombra do arvoredado que se alteava juvenil em direção da abóbada celeste, adentraram em oração silenciosa. Tudo era expectativa!

Uma como voz lhes ciciava no âmago:

— Cumpre restabelecer a Lei. E, ante os olhos atônitos dos apóstolos, Jesus se ilumina, fulgurante e belo, enluarando as suas próprias vestes e transbordando olores e magnetismo, enquanto o Espírito do próprio Moisés rompe as barreiras que erguera pelo Deuteronômio separando os dois Mundos e retorna do Além para falar diretamente com Jesus e com os que o acolitavam na imortal materialização do Tabor.

Era a maioria espiritual de nossa Humanidade. As rédeas de nosso destino nos eram devolvidas, tornando-se de nosso alcance o que anteriormente se fizera conquista de apenas alguns poucos Espíritos que houveram traçado a sua ascensão em outros orbes do Universo.

Moisés revogava o seu decreto. A sua lei transitória, que se cumprira na Terra enquanto éramos pequeninos de entendimento, fora inteiramente abolida pelo seu próprio autor e um novo estágio de relações espirituais se fundara entre o mundo visível e o invisível, tendo Jesus à frente, consagrando a mediunidade como uma bênção divina, quando nos elevamos no Tabor de nossas existências na busca de nossos Irmãos Maiores.

E o Espiritismo torna rediviva a mediunidade cristã.

ROQUE JACINTHO

1- MÉDIUNS

A generalização da faculdade mediúnica a todas as criaturas encarnadas, contudo, ainda é necessidade evolutiva da nossa Humanidade.

Por tal razão, embora seja comum à espécie humana, deverá tornar-se conquista de cada alma que se empenhar no desabrochar desse novo sentido que lhe permite contacto com o mundo inteligente intangível.

À vista dessa necessidade de progressão, teremos atualmente, e para efeitos destes nossos estudos, de estabelecer a existência de duas categorias gerais de médiuns:

- médiuns latentes,
- médiuns ostensivos.

Médiuns latentes são todos aqueles que, em determinadas ocasiões ou circunstâncias de sua vida, servem inconscientemente de intermediários da Espiritualidade, quer para transmitir algum ensinamento relevante, quer para retratar o submundo espiritual de paixões e vícios.

Médiuns ostensivos são aqueles que guardam, em maior ou menor intensidade, noções de sua posição de intermediários, reconhecendo que operam sob a influência controlável de forças estranhas às suas.

A consciência do fenômeno mediúnico, porém, não automatiza a transmissão dos pensamentos ou a vontade dos Espíritos e nem padroniza as mensagens. Tanto poderá o médium-ostensivo fazer-se mediano de orientação renovadora, quanto poderá tornar-se porta-voz de mensagens perturbadoras.

Os Espíritos que se comunicam se ajustam ao degrau mental do mediano e, mais ainda, ao seu nível moral. Assim, uns poderão usar linguagem aparentemente científica ou filosófica, sem nenhum esmero de conduta moral, e outros poderão exprimir a mais pura moral em suas prédicas, mesmo se servindo de palavras simples ou expressões populares.

Ainda apenas para efeitos de nossos estudos, subdividiremos os médiuns ostensivos em três grandes categorias:

- médium-egoísta,
- médium-orgulhoso,
- médium Espírita-cristão.

Esta classificação é elaborada à vista dos fins que o médium objetiva com a sua faculdade. E para maior clareza, estabeleçamos uma comparação com o uso de um dos cinco sentidos comuns que quase todos já conquistamos: o da audição. Todos os homens podem ouvir.

O homem-egoísta, porém, ouve e se detém apenas no que lhe traga benefícios diretos. O seu circuito de atenção se estabelece tão somente com o que poderá vir incorporar-se às suas posses ou conquistas materiais.

O homem-orgulhoso, conseqüentemente, cinge-se ao que lhe amplie a desmedida auto consideração. Sua tensão emocional sustenta-se apenas nos acontecimentos ou referências que louvem a sua suficiência, a sua capacidade e que, geralmente, nutram ainda mais o seu desajuste psíquico.

O homem-cristão, no entanto, ouve e analisa o Bem em favor de seu semelhante, olvidando a si mesmo sempre que necessário. Seu interesse é solicitado ou criado pelo que se possa organizar a benefício do semelhante, recolhendo para si as sobras da caridade que espalha. As mesmas posições subsistem para o sentido mediúnico.

Aqueles que colocam a comunicação com os Espíritos a serviço de seus interesses materiais, seja diretamente por tentar fazê-los lacaios de seus programas individuais, seja indiretamente barateando a fenomenologia e dela fazendo um balcão de favores terrenos para os seus eventuais consulentes — esses são médiuns-egoístas.

Outros que tomam a mediunidade para sustentar a própria vaidade, fazendo-se crer privilegiados pelos dons que revelam, criando adeptos servís e escravos de si ou dos Espíritos de que são medianeiros — esses são médiuns-orgulhosos. Existem, todavia, os que acolhem a mediunidade como ampliação de serviços, fonte perene de consolação e orientação moral de seus irmãos de romagem terrena.

Sublimam a sua faculdade, utilizando-a com critério e amor, buscando por seu intermédio atingir a própria renovação íntima, de si e de seus semelhantes. Enobrecem a fenomenologia e ilustram-se moral e mentalmente no contacto com Espíritos elevados, vivendo exemplos tocantes de amor e caridade, de ternura e piedade -esses são os médiuns Espíritas-cristãos.

Não devemos esquecer, todavia, que médiuns egoístas e médiuns orgulhosos são almas enfermas e companheiros nossos de viagem e aprendizagem na escola da carne, urgindo por assistência caridosa por parte de todos nós.

Tão logo, pois, nos abalancemos em identificá-los ou em classificá-los em nossos agrupamentos ou fora deles, estaremos assumindo o compromisso de auxiliá-los na regeneração de si mesmos, porque quem tem olhos para divisar o Mal deve ter coração para criar o Bem.

2- OBSIDIADOS E MEDIUNIDADE

Todo obsidiado é um médium.

A sua faculdade, porém, está minada por uma enfermidade relativamente profunda e medianamente generalizada, que lhe não permite um trabalho ajustado aos fins do Espiritismo-cristão.

Allan Kardec ensina-nos que “a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral, que dá acesso a um Espírito mau”.

Nessa situação, esse médium refletirá a sua própria imperfeição interior e a do Espírito que o domina, podendo ser tido à conta de médium-egoísta ou médium-orgulhoso que sofre, presentemente, resultados de suas ações no pretérito e de seu não reajuste no presente.

Não deveremos conduzi-lo ao intercâmbio mediúnico.

O intercâmbio mediúnico do Espiritismo-cristão requer criaturas em fase de equilíbrio, que lutem por dominar suas más paixões. Uma enfermidade moral que raiou pela obsessão inabilita a criatura a um trabalho produtivo e, dentro do mecanismo de relações espirituais, o coloca ainda sob maior e mais fácil domínio de seus inimigos invisíveis.

Todo obsidiado em consequência, deve ser levado a um tratamento criterioso de seu mal, recuperando-se de sua enfermidade para, só depois que houver atingido um regular auto domínio e renovado suas companhias espirituais, candidatar-se à posição de medianoiro nos Templos de Espiritismo, a fim de que as mensagens intercambiadas sejam úteis a todos.

Constitui engano de gravidade o querer fazê-lo ocupar a posição de médium em reuniões Espíritas. Ele não tem condições de lucidez e nem será fiel e maleável, já que se encontra às voltas com um inimigo que o sitia e que lhe toma as rédeas de sua própria vontade.

O mal da obsessão reside no encarnado. Ele precisa de doutrinar-se.

É auxílio dos mais caridosos o tomar-lhe o nome e o endereço e encaminhá-los a um grupo de desobsessão, notadamente aos grupos que se orientam pelas normas que André Luiz anota em seu livro "Desobsessão" (1).

Se pudéssemos curá-lo pela doutrinação de seu perseguidor ou pela sistematização do uso de sua faculdade mediúnica, parecer-nos-ia maravilhoso. Seria, contudo, fantasioso. A Lei determina:

“A cada um segundo as suas obras”, o que equivale dizer: equilíbrio aos que semearam o equilíbrio e desequilíbrio aos que, por qualquer forma possível ou imaginável, houverem semeado o mal.

¹ “Desobsessão” - obra do Espírito de André Luiz, psicografia dos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, edição da FEB.

Examinemo-nos no plano material.

Dentro do cotidiano sabemos que um cirurgião, por mais hábil e destro que seja, não pode executar operações quando possuído por doença infectocontagiosa. Um psiquiatra enlouquecido não pode clinicar, embora ostente um certificado de técnico para combater a demência.

Um oleiro de braços enfermos não pode modelar suas peças, mesmo possuindo a prática de muitos anos.

Cada um há de restabelecer-se, para ser útil. Em mediunidade o princípio vigente é o desse bom senso. É um meio de proporcionar o equilíbrio de todos, sem cuidar apenas de si; um ajuste de todos, sem que o seu seja uma imposição de seu trabalho; um socorro aos enfermos, sem socorrer-se a si unicamente.

Enderecemos nossos irmãos obsidiados ao “Culto do Evangelho no Lar”, ao “Culto da Assistência”, aos estudos coletivos de nossos Templos de Espiritismo cristão, ao convívio amorável de almas nobres, às conversações fraternas e renovadoras, à terapêutica dos passes espirituais e da água fluidificada — e estaremos abrindo-lhes as portas de reajuste moral que findará com o acesso que estejam permitindo a um Espírito mau e se habilitarão para, no futuro, tornarem-se obreiros da Seara do Amor.

3- CRIANÇAS E MEDIUNIDADE

As crianças podem revelar traços mediúnicos. Não devem, porém, ser conduzidas ao intercâmbio.

Em geral, pela sua imaturidade, não saberão fazer uso de sua faculdade e poderão, em decorrência de sua comunicação precoce com o Invisível, tornarem-se presas fáceis de Espíritos malévolos, inimigos seus do passado, ou de Espíritos levianos que as terão por instrumentos de sua irresponsabilidade.

Ressalvemos, contudo, a espontaneidade.

Poderá eclodir o fenômeno espontâneo através de uma criança, independente de sessões organizadas ou mesmo distante de qualquer prévio estudo Doutrinário. Nesse caso, raro na proporção de um por bilhões de criaturas, a naturalidade do fenômeno revela-nos que aquele espírito está efetivamente preparado e comporta a prática normal do intercâmbio.

Mas, não olvidemos o quadro de perturbações momentâneas a que a criança está sujeita a sofrer em decorrência do clima espiritual desequilibrado de seu lar. Essas perturbações, muito frequentes, poderão ser confundidas com a mediunidade espontânea, mas cessarão tão logo o lar se reequilibre, porque eram efeitos e não a causa da ocorrência.

Findos os efeitos, pela extinção da causa, a criança retornará aos seus brinquedos e às suas ocupações habituais, próprias da infância, vivendo o período indispensável ao seu aprimoramento interior e ao cumprimento dos planos reencarnatórios estabelecidos a seu benefício pela Espiritualidade Maior.

Em regra geral as crianças não devem, sequer, frequentar reuniões mediúnicas de nenhuma natureza, nem como acompanhantes e menos ainda como participantes. Elas são permeáveis demais às influências e aos miasmas mentais acumulados pelo agrupamento de Espíritos enfermos numa reunião mediúnica, sofrendo-lhes as pressões e contágio na forma de doenças orgânicas e perispirituais.

Só mesmo podem, e devem, frequentar reuniões públicas não mediúnicas que tenham por escopo central o conhecimento dos princípios Espíritas e as aulas de Moral Espírita-cristã, que lhes fornecerão o roteiro de seu futuro no comportamento sadio do presente.

No tempo próprio serão chamadas a outros setores.

Afastando as crianças do contacto com as reuniões mediúnicas — assim como afastamos nossos filhos dos laboratórios de química e outros semelhantes —, procuremos sanar as origens de suas perturbações espirituais transitórias, renovando os lares em que crescem com a instalação do “Culto do Evangelho”, com a doutrinação de nossa língua, com o fenecimento dos comentários picantes e nervosos às horas das refeições, com o domínio de nossos ímpetos agressivos, com a reforma de nosso comportamento.

4- ENFERMOS E MEDIUNIDADE

Toda enfermidade tem raízes na alma.

Por este princípio geral não estamos, porém, autorizados a deduzir que mediunidade seja o remédio para todos os males físicos, contendo em si a propriedade de sanar todas as doenças da criatura humana.

É ao equilíbrio espiritual que está confiando o trabalho de assegurar-nos, em futuro remoto, a reencarnação em corpos relativamente aperfeiçoados, sem as mazelas comuns dos de hoje.

O desenvolvimento mediúnico não deverá ser recomendado, pois, como fuga a doenças conhecidas ou desconhecidas da ciência oficial de nossos dias. Correremos o risco de agravar males em curso de instalação ou de desenvolvimento, tornando-os por vezes irreversíveis, se encaminharmos todos os enfermos que nos procurem a um estágio de desabrochar mediúnico indiscriminado.

Haverá casos de doentes que são médiuns e, alguns, até com doenças infectocontagiosas.

O bom senso impele-nos a aceitar com o Espírito de André Luiz, em “Conduta Espírita”, a afirmação de que: um enfermo-médium é um médium-enfermo — ou seja, é um médium que precisa de zelar pelo seu reajustamento psico-orgânico, antes do intercâmbio mediúnico.

Cabe-lhe, desta forma, atender o tratamento médico a que se submete e sustentar a aprendizagem do Cristianismo-Redivivo. Não exercitará o seu sentido mediúnico enquanto não se recuperar parcialmente de seus males físicos, salvo se interno em sanatórios e locais onde mantenha contacto com irmãos que atravessam as mesmas experiências dolorosas.

É por amor ao enfermo que lhe não criaremos obrigações a que no momento se sente impossibilitado de ajustar-se, à vista de suas deficiências orgânicas. O seu estado anormal sensibiliza-o extremamente, tornando-o vulnerável às influências viciosas de Espíritos enredados no Mal, quando das sessões mediúnicas.

E se insistirmos em conservá-lo em tarefas ou em recinto inadequado ao seu estado orgânico, estaremos assinando um termo de corresponsabilidade pelo agravamento de seus problemas.

Mediunidade não é panaceia.

É um programa de trabalho e definição de responsabilidade que temos à nossa frente e que nos pede o máximo de equilíbrio psico-orgânico para render o melhor em favor de nosso próximo.

5- PERTURBAÇÃO E MEDIUNIDADE

Há criaturas perturbadas por si mesmas.

Sob o fogo de suas paixões, asseguram-se perseguidas por inimigos invisíveis, apenas porque não conseguem realizar os seus propósitos inferiores.

Cultores do egoísmo, alardeiam-se preteridos em todos os seus objetivos e requerem o desenvolvimento de faculdades psíquicas para garantir-se nos sucessos materiais.

Habituais da maledicência, clamam que são vítimas de entidades perturbadoras que lhes assediam o lar e as oficinas de trabalho, criando-lhes intranquilidade permanente e envolvendo-os com a inveja que aniquila seus planos individuais.

Viciados da pornografia e do anedotário irreverente, garantem-se acompanhados de espíritos maus que lhes turbam a caminhada e lhes minam as resistências orgânicas.

Patrocinadores gratuitos da calúnia, gemem e choram agruras incontáveis, atirando sobre os Espíritos que lhes formam o séquito natural a culpa de todos os seus sofrimentos e de todos os seus achaques.

Ditadores dentro do lar e escravocratas inveterados, rogam por libertar-se de jugo estranho, alegando estar infernizados em família e vilipendiados em Sociedade.

Ambiciosos desnaturados, cujos corações se enregelaram na ânsia da posse, afirmam-se destituídos de todos os programas sadios por seres invisíveis que lhes turbam a caminhada...

Esses irmãos poderão ser confundidos com médiuns embrionários, carentes de orientação no domínio de suas faculdades medianímicas. Anotemos, porém, que são intermediários apenas de seus desajustes e não da Espiritualidade.

São perturbados por si mesmos e não por Espíritos, os quais apenas se servem de suas aberrações morais para o banquete de seus desequilíbrios na posição de moscas na gota de mel.

Deveremos encaminhá-los às reuniões do “Evangelho Segundo o Espiritismo”, a fim de que reajustem os seus ideais e se curem a si mesmos, recuperando-se para a Vida Eterna.

A perturbação de Espíritos galhofeiros e levianos, que os utilizam no repasto de suas paixões e preferências grosseiras, é simples consequência da imperfeição moral que o próprio encarnado sustenta.

São candidatos à obsessão.

E da mesma forma que se recomenda ao obsidiado a frequência de reuniões outras que não as de desenvolvimento mediúnico, é indispensável que todos os que sofrem de auto obsessão, ou seja, da perseguição de seus próprios desajustes espirituais, tenham a mesma indicação.

Só poderão aspirar contacto com a Espiritualidade, no setor de trabalho de correspondência entre os dois Planos, quando equilibrados medianamente e já lutando para dominar suas más paixões, sem que se apresentem como as grandes vítimas de suas próprias criações mentais.

6- PRÉ-DESENVOLVIMENTO

Mediunidade é programa de serviço.

À vista de sua utilidade para nós mesmos, categorizando-nos a posições de maior responsabilidade junto aos Obreiros da Vida Eterna, e de sua função consoladora e sublime a bem do próximo, cabe-nos concluir que o seu desenvolvimento é uma importante conquista de cada um.

Não se pedirá que somente os Anjos ou as criaturas imaculadas venham exercitá-la na face da Terra. Temos de convir que essa faculdade é o meio de relacionar-nos com o Além, visando proporcionar-nos conhecimentos seguros sobre a Espiritualidade e tornar-nos aptos a dirigir-nos a nós mesmos. Mas, embora não tendo que possuir a perfeição para utilizá-la, deveremos dotar-nos de um mínimo de condições que nos assegurem contacto enobrecedor.

Não aspiramos ser médiuns-egoístas.

Não desejamos a mediunidade-orgulho.

Querendo ser médium Espírita-cristão, isto é, matricular-nos nessa Universidade da Vida Maior que é o Espiritismo-cristão da atualidade, cabe-nos a obrigação de conhecer o campo de trabalho a que adentraremos.

Toda Universidade tem vestibular.

As criaturas imbuídas, portanto, de um propósito sério e honesto em relação à mediunidade, deverão iniciar o seu pré-desenvolvimento, começando por interessar-se pela Doutrina dos Espíritos nas obras codificadas por Allan Kardec e na extensão da codificação que são as obras recebidas psicograficamente pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.

Daí, deverão partir para a reforma de seus hábitos normais e à reformulação de seus objetivos ou “ambições da vida”.

É uma iniciação religiosa das mais sérias.

Anotemos, contudo, que a iniciação Espírita é dinâmica.

Não é apenas envernizamento do cérebro.

Não se aguarda que alguém seja catedrático ou profundo conhecedor de

Espiritismo para só então ter condições mediúnicas. A ilustração mental deverá ser acompanhada de trabalho efetivo e é sua norma que deveremos aprender servindo, porque servindo também aprendemos.

É burilamento da alma, no mais amplo sentido. Evangelizar-se, nos comportamentos, é a necessidade.

Não nos confundamos pensando que o desenvolvimento mediúnico se restringe às reuniões especiais onde ensaiaremos a transmissão de mensagens espirituais ao lado de companheiros mais experimentados.

Desenvolvimento é polimento moral, renovação de ideais, alargamento de propósitos humanitários, pedindo muita renúncia de nossas preferências habituais para ter sucesso.

7- INICIAÇÃO MEDIÚNICA

A mediunidade, como mandato de serviço cristão que nos é outorgado pela Espiritualidade Superior, a fim de ser fielmente desempenhada convida-nos a:

- Renovação do clima espiritual de nosso lar, sob as luzes do Evangelho Redivivo, porque o lar é a usina maior das energias de que somos carentes para o nosso trânsito terreno e é onde compensamos as nossas vibrações psíquicas em reajuste;
- Rompimento com o egoísmo, compelindo-nos a interessar-nos pelo próximo, auxiliando-o nos seus lances expiatórios, probatórios ou missionários, até o limite extremo de nossa capacidade de servir;
- Revisão e reconstrução dos hábitos, permutando os viciosos por virtudes legitimamente cristãs que são as únicas que sobreviverão eternamente e que nos abrirão as portas de Planos mais elevados que os atuais.
- Aniquilamento do orgulho, levando-nos a viver em circunstâncias e agrupamentos humanos que nos permitirão o exercício da humildade legítima, entrosando-nos em trabalhos de equipe com esquecimento de nós mesmos;
- Morte do individualismo, encerrando em definitivo os programas exclusivamente pessoais que por longo tempo temos organizado como “os nossos objetivos da vida”;

Para alcançar estes cinco objetivos fundamentais e elementares, a recomendação dos nossos Mentores a todos os que se inscrevem para o desenvolvimento de seu sentido mediúnico é a instalação imediata de:

- Culto do Evangelho no lar,
- Culto da Assistência,
- Reforma íntima,
- Frequência do Templo Espírita-cristão,
- Estudos coletivos da Doutrina Espírita.

Esses exercícios iniciais, por urgentes na economia de nosso aprimoramento, não podem aguardar um “dia mais oportuno”, uma “ocasião especial”, um “ambiente propício”. Eles são imediatos e, por isso, alicerce onde se edificará a mediunidade enobrecida em Jesus.

Não deverão ser transferidos para amanhã. Devem ser iniciados ainda hoje.

I- CULTO DO EVANGELHO NO LAR

O Culto do Evangelho no lar renova fluidicamente o clima doméstico, evangelizando os Espíritos desocupados que ali estagiam, atraídos que foram por este ou aquele motivo e os Espíritos nossos desafetos que se jungem conosco em todas as nossas atividades cotidianas.

Equivale a um banho renovador.

A nossa mente entra em simbiose momentânea com a Espiritualidade Superior, tornando-se veículo para a reconstrução fluídica de tão alta significação para o futuro.

Para o Culto, as providências são simples:

- Um volume de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”,
- Um dia certo por semana,
- Um horário intransferível para sua realização,
- Um cômodo onde todos os familiares se reúnam.

A sua mecânica também é singela:

- Inicia-se com uma prece, preferentemente oração feita de improviso por um dos presentes, por ser mais afetiva,
- Abre-se o livro ao chamado acaso,
- Leitura em voz alta do trecho aberto,
- Comentários sobre o mesmo, pelos presentes,
- E encerramento com uma prece de agradecimento pela orientação noturna, podendo alongar-se, depois, os comentários sobre a lição enquanto houver interesse e mostrar-se oportuno.

É preciso, no entanto, um mínimo de cuidados. Deveremos desvincular o Culto do Evangelho no lar de toda e qualquer ideia de intercâmbio mediúnico, mesmo o de Mentores Espirituais.

O ambiente não é ajustado à clarividência, nem à psicofonia, nem à incorporação, nem à psicografia e menos ainda a qualquer tentame de doutrinação de Espíritos sofredores. Os médiuns devem reprimir toda e qualquer manifestação, por mais coercitivas sejam as influências registradas.

Evitar de transformar o tema Evangélico da noite em trampolim para observações diretas ou indiretas a qualquer membro da família ou a algum amigo em particular ou vizinho ou parente ou inimigo.

Cada máxima moral tem um destinatário certo: nós mesmos. Se, porém, considerarmos que a recomendação não nos toca, rebusquemos a nossa consciência e

repletemo-nos de coragem para tomar o remédio que nos é ministrado com toda sabedoria e amor.

Se um dos membros da família, ou mesmo todos os seus componentes, negar-se a colaborar no Culto, não seja esse motivo para censurá-los ou pretexto para adiá-lo.

Mesmo que materialmente sozinhos, cabe-nos instalá-lo e mantê-lo qual lâmpada solitária, recordando-nos que Jesus nos acompanhará pelos seus Emissários e, dessa sementeira, virão os frutos que aspiramos; é da Lei.

As visitas não serão, igualmente, razão para alterar ou transferir as atividades familiares programadas.

Nada mais justo do que convidá-las, sem desejo de proselitismo, ao exame conjunto do Evangelho e às orações da noite. Esse convite, não raro, é anseio dos próprios Mentores Espirituais dos visitantes, que foram conduzidos ali, naquele dia, naquele horário, para o encontro renovador.

Nessa chamada coincidência está uma oportunidade talvez de há muito aguardada por Jesus para o despertar do amigo ou de parente que nos visita para as realidades espirituais da Vida.

O respeito, a compreensão, a alegria de receber Jesus em nosso lar, uma vez por semana que seja, devem vencer todos os óbices, superar todos os impedimentos, abater todas as desculpas, afastar todos os problemas que se articulem visando distanciar-nos do Amigo Divino e de sua radiação benfazeja.

II- CULTO DA ASSISTÊNCIA

O dicionário define-nos pobreza como: “Falta do necessário à vida”. Deveremos angular esta falta em dois aspectos fundamentais que, repetidamente, estão profundamente vinculados: a falta do recurso material para a vida material e a falta do conhecimento espiritual para a Vida Eterna.

A posição social ou financeira não define, por isso, a rigor, sob o ponto de vista espiritual, o lugar que a criatura ocupa dentro da existência.

Poderemos encontrar ricos muito bem postos junto a espiritualidade e os que malbaratam a sua fortuna em prazeres pessoais traçando conseqüências funestas para o amanhã.

Da mesma forma encontraremos pobres materiais em sublime posição espiritual e pobres miseravelmente paupérrimos na hierarquia dos valores psíquicos.

À frente de manifesta pobreza material ou espiritual, cabe-nos o dever de instalar o Culto Espírita da Assistência, restabelecido pelo Espiritismo-cristão das práticas dos cristãos primitivos como o mais avançado sistema de fraternidade vitalizada entre os homens.

Não se trata simplesmente de distribuir o pão. Não se cuida exclusivamente de agasalhar o corpo. Não se cogita tão só de articular sermões.

O Culto Espírita da Assistência é uma dinâmica de amparo, ajustado às reais necessidades dos irmãos da romagem terrena.

E não se exigirá, em seu nome, o quadro de reforma exterior de quem quer que seja, pois na sua mecânica será o nosso comportamento, a nossa radiação fluídica que induzirá o nosso semelhante à reforma íntima que lhe cabe realizar a seu próprio favor.

Ele não pede construções caras.

Não se alicerça sobre organizações financeiras.

Pode ser realizado mesmo sem que se movimente um centavo sequer, quando o dinheiro seja escasso, e pode, em decorrência da sua independência financeira, ser praticado por criaturas de todas as condições sociais.

Não se confunde com a respeitável assistência social. Não se rotula de: instituição de amparo.

É simplesmente Culto Espírita de Assistência, ou seja, vivência fraternal, transmitindo o calor de nosso afeto, dentro dos princípios Evangélico-Espíritas em que nos amparamos mutuamente e onde quem possui mais recursos espirituais doa ao que possui menos.

Poderemos semanalmente reunir-nos em pequenas caravanas de coidealistas e partir em direção dos bairros pobres da cidade ou na direção das casas que nos pedem amparo e socorro e levar-lhes o que possuamos:

- o pão que tivermos,
- o recurso farmacêutico que disponhamos,
- as noções de higiene que aprendemos,
- os ensinamentos espirituais que esposamos.

Junto aos necessitados de qualquer ordem, cabe-nos:

- dar-lhes nosso carinho, sem afetação,
- nosso amparo, sem humilhá-los,
- nossa paciência em ouvi-los sem censurá-los,
- nosso passe espiritual, sem repreendê-los.

O Culto Espírita de Assistência, tem como traços característicos a inclusão de:

- passe espiritual aos necessitados,
- leitura de páginas de Espiritismo-cristão aos socorridos,
- introdução de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” por roteiro de vida, difusão da mensagem renovadora,
- doação do livro nobre,
- conversação nobre e respeitosa,
- conselhos sem imposição e sem ferir suscetibilidades.

Evitemos sempre de julgar os assistidos como incapazes de compreender Jesus ou indignos de receber o Amigo Celeste ou não preparados para recolher a mensagem consoladora ou imaturos para as páginas de reforma interior.

Temos de dar o melhor de nós mesmos.

A seu tempo Jesus, o Ceifeiro Divino, colherá.

III- REFORMA ÍNTIMA

O Espiritismo-cristão, consagrando a evolução como um processo natural a que o homem se submete desde o seu princípio, mostrou-nos o caminho da conquista da felicidade eterna: a reforma íntima.

Anote-se que reformar não é sinônimo de construir.

Quem constrói parte do nada.

Quem reforma, porém, ajusta o que não está inteiramente ajustado, corrigindo-lhe os senões e as deficiências e estabelecendo um melhor aproveitamento do que já se edificou.

Convidando-nos à reforma íntima e não a construção interior, o Espiritismo-cristão revela que em nosso íntimo temos um mundo admirável de experiências úteis que só precisam de burilamento para que apressemos a nossa santificação.

Não nos impele a abandonar tudo o que fomos, todas as nossas aspirações para, depois, levantarmos das cinzas do nosso passado um homem inteiramente novo, qual se todos os séculos que já vivemos tivessem sido inúteis.

Não é assim! Reforma íntima é convite a um reexame consciencial à luz do Evangelho, a fim de que transformemos cada paixão em virtude e cada vício em qualidade elevada de nossa alma.

Hoje, administramos habilmente para nós. Se nos reformarmos, administraremos para todos. Hoje, articulamos pregações morais para outros. Se nos reformarmos, pregaremos também para nós. Hoje, aspiramos por um mundo melhor para nós.

Se nos reformarmos, aspiraremos a melhoria para todos. Hoje fazemos do nosso conforto a nossa felicidade. Se nos reformarmos, seremos felizes na paz dos semelhantes. Hoje, somos críticos exigentes e vinagrosos.

Se nos reformarmos, criticaremos a nós mesmos. Hoje, exigimos que todos nos compreendam, nos erros e nos acertos, tolerando-nos e perdoando-nos infinitamente. Se nos reformarmos, toleramos nosso próximo.

Egoísmo e orgulho são as duas chagas da Humanidade, como predicou Allan Kardec. E estas chagas são desvios do amor, que passamos a nutrir por nós mesmos, e do raciocínio, que utilizamos numa auto idolatria disfarçada.

Nem tudo, pois, está perdido em nós. Basta corrigir a discrepância de comportamento, canalizando os mesmos impulsos, que hoje introvertemos a nosso favor, para os nossos semelhantes.

É amarmos e sermos humildes.

O homem reformado ao sol do Cristianismo-Redivivo:

- não é azedo: sabe sorrir,

- não é maçante: sabe ser comunicativo,
- não é presumido: sabe ser humilde,
- não é santificado externamente: é virtuoso e simples.
- não vive além de nosso Mundo, suspirando pelo transcendental: reconhece que esta é a sua escola,
 - não é zeloso artificialmente: respeita a todos,
 - não é exigente: sabe ser tolerante. Irradia paz e tranquilidade e não vive numa atmosfera inibidora que faz calar toda alegria, encarcerar toda vivacidade, tumular toda experiência nova, condenar a priori todo ensaio de acerto-e-erro da aprendizagem terrena, desterrar de seu convívio todos os que faliram, criticar todos os viciosos, amordaçar todo riso sadio, sustar a marcha de quantos experimentam alçar os voos da Espiritualidade Maior.

O homem auto reformado:

- ama os seus familiares,
- ama os seus vizinhos,
- ama os vizinhos de seus vizinhos,
- ama seus parentes,
- ama seus amigos,
- ama os seus inimigos...

... e através de tanto amar os que moram nas cercanias de sua existência, faz-se amado e respeitado por todos, instalando a sua paz e o seu amor pelo seu exemplo vivo.

IV- TEMPLO ESPÍRITA

A princípio denominamos os locais em que nos agrupávamos para o estudo da Doutrina Espírita e a prática mediúnica, aliados a uma série de departamentos complementares de: centro Espírita.

Era o local físico, casa ou sala, em que nos congregávamos em determinada hora ou dia para o trato com as coisas do espírito.

Com o sazonalamento de nossos conhecimentos sobre a Espiritualidade, porém, começamos a compreender que o centro Espírita era mais do que a edificação de alvenaria que nos ofertava abrigo em certos momentos.

Era onde os Mentores Espirituais organizavam, em nossa ausência, a complexa aparelhagem indispensável para a execução de difíceis e especializadas tarefas de recuperação das almas doentias.

A organização existente na espiritualidade perdera o sabor de um mundo gasoso de sonhos e ilusões, onde os Orientadores seriam magos dotados de varinhas de condão cujo toque maravilhoso criaria fantasias.

Espiritualidade é amor e ciência. Longe de dispor de recursos miraculosos, conta com empreendimento sérios e aparelhagens e máquinas aprimoradas que são utilizados para fins edificantes.

Desde esse amadurecimento, compreendemos que o recinto que reservamos para as reuniões é isolado fluidicamente neutralizando os elementos miasmáticos originados da espiritualidade menos feliz.

Um verdadeiro laboratório dispendo de recursos avançados para combater as emanções enfermigas de encarnados e desencarnados em franco desequilíbrio psíquico. Um posto de socorro e medidas de urgência que permite aos Espíritos Superiores estender o seu raio de ação à periferia geográfica de nossa edificação humana.

Deixou de ser um centro: é um Templo. Sua utilização excede ao nosso uso. No Templo não vamos descuidadamente estudar ou encaminhar os nossos recursos. Vamos buscar o concurso maior que se articula silenciosamente a favor de todos.

Não vamos unicamente aprestar-nos a confabular com os Emissários de Jesus em nosso plano. Vamos, isto sim, participar de um recinto adredemente sustentado pelos nossos Irmãos Maiores.

Evitemos, pois, sessões mediúnicas nos lares. A organização espiritual não se improvisa, à vista da disparidade de atitudes e problemas que gravitam dentro e em torno de cada membro da família.

E numa cozinha ou numa sala, onde poderemos estabelecer o Culto do Evangelho no lar, os Espíritos não podem montar a sua aparelhagem para o serviço de emergência das zonas umbralinas.

Também não demos ao nosso Templo outro fim. Todas as realizações que se programam devem ser ajustadas doutrinariamente, a fim de que não levemos perturbação à ordem que existe nas providências de natureza mediúnica.

O médium em desenvolvimento deve habituar-se à ideia de que o Templo Espírita jamais está inativo.

Ali os Espíritos trabalham, dia e noite, qual se fosse um ambulatório ou hospital de emergência que se ergue nas frentes de batalha e nas ondas epidêmicas para preservação e recuperação da saúde.

A ausência de imagens ou paramentos tradicionais das religiões dogmáticas e literalistas, a ausência de dísticos e adereços dispensáveis, torna-o um recanto adequado e ajustado aos serviços complexos da fenomenologia mediúnica.

V- ESTUDO COLETIVO

— Não temos mestres.

Todos são aprendizes. Essa afirmativa, tão popularizada em nossos meios, não deve ser interpretada ao pé da letra.

Significa, tão-somente, que os Espíritas não aceitam nenhuma autoridade humana absoluta que se imponha dogmaticamente e cuja opinião valha por norma indiscutível e sem direito a análises.

Afirma a inexistência do dogma. Mestres, nessa expressão, tem o sentido de sacerdotes, de donos da Verdade, de fariseus intransigentes, de opiniões finais e infalíveis.

O gênio que rege a ampliação e sobrevivência das Leis fundamentais que o Espiritismo agrega à sua codificação é a não aceitação cega: nem da opinião dos mais lúcidos, nem das regras dos expoentes Doutrinários, nem da indicação de guias ou orientadores espirituais, nem do norte apontado por orientadores encarnados — sem prévia análise.

Tudo precisa ser ponderado. Tudo precisa ser comparado. Só se aceita o que nos seja possível raciocinar e analisar e que não venha contraditar os fatos que a Ciência já haja comprovado e o que já se consagrou nas obras da codificação de Allan Kardec.

Se tomássemos a codificação kardequiana como termo final tenderíamos a tornar-nos literalistas empenhados na memorização de seus ensinamentos, excluindo a progressão natural da Revelação que acompanha o nosso nível de entendimento, desvendando-se mais e mais à medida que comportamos mais amplas diretrizes.

No entanto, essa obrigatoriedade analítica não exclui a nossa aceitação da existência de companheiros experimentados, mais vividos espiritualmente, que podem auxiliar-nos, servindo-nos de roteiro em nossas aspirações sadias.

Deveremos utilizar-nos da bagagem desses que haja lido mais e mais vivido nas ocorrências do cotidiano e da Doutrina Espírita, a fim de tornarmos mais econômica a nossa aprendizagem.

Seria próprio de criaturas presunçosas se cada um se fundamentasse no campo limitado de suas observações para aprender a Doutrina Espírita empiricamente. Kardec foi um Mestre. Leon Denis igualmente.

Emmanuel é um lídimo Mestre espiritual. André Luiz é destacado mentor. Reunidos, pois, semanalmente aos demais companheiros evitaremos, ao compulsar os livros Doutrinários, de emprestar-lhes o colorido de nossas paixões e preferências particulares e, apesar de sua suficiente clareza, evitaremos de emprestar-lhes interpretações laterais ou desvirtuadoras.

O estudo coletivo é um bem imensurável.

Cabe-nos, ainda, considerar que os nossos desafetos espirituais, os nossos obsessores, poderão assenhorear-se de nossas faculdades e criar-nos ilusões diversas se procedermos os estudos isoladamente e, o coletivo, coíbe parcialmente esse mal.

Só o estudo coletivo e a permuta sincera de experiências nos salvam de aclimatarmos a Doutrina Espírita ao nosso paladar, à nossa preferência, aos nossos interesses individualistas.

E ainda é ao estudo coletivo que devemos o afugentar das aves de arribação que buscam construir seu ninho na árvore frondosa do Espiritismo à semelhança dos que já criaram nas demais árvores do cristianismo consagrando exotismos e fantasias como verdades.

8- MISSÃO OU EXPIAÇÃO

Mediunidade é missão ou expiação? Definir a posição mediúnica é importante. Como todas as tarefas a mediunidade pode ser exercida com satisfação íntima ou sob constrangimento.

E sabemos que o serviço que se cumpre com alegria rende mais e é mais bem desempenhado, ao passo que as tarefas cumpridas sob constrangimento, à semelhança de quem realiza doloroso e sacrificial dever, dificilmente alcançam os seus objetivos.

Ocupemo-nos ligeiramente de termos. Expição é viver as consequências de maus atos. Provação é testemunhar as nossas aquisições íntimas. Missão é benefício ao nosso semelhante.

Assim, o mesmo serviço poderá ora ser expiação, ora provação, ora missão — atendendo ao colorido com que a criatura o realiza e que umas poderão desenvolvê-lo com alegria, outras com grande sacrifício e algumas sob protestos.

Percorramos uma oficina comum. Ali se ganha honestamente o pão de cada dia. Encontraremos, no entanto, reações variadas.

Nos mesmos serviços e nas mesmas condições salariais, sob a mesma técnica e dentro da mesma administração, encontraremos operários que se revelam satisfeitos no desempenho de seus misteres e outros que se revelam azedos e insatisfeitos, sem interesse e sem alegria.

O serviço não variou. As tarefas são iguais. Para uns é missão; para outros expiação. Pessoas há que seguem para as reuniões mediúnicas como quem escala doloroso Calvário, sob a chibata de seus inimigos e debaixo da ironia de seus algozes.

Tudo lhes é difícil. O horário, a condução, o abandono das diversões frívolas, o afastamento das visitas inesperadas.

Já outros seguem lépidos, cantantes pela oportunidade de servir em nome do Senhor, quais legítimos obreiros da Boa Nova, colaborando na construção de um mundo mais feliz e mais risonho - onde todos estejam ajustados às Leis da Espiritualidade.

Examinando tais fatos, o médium não deve aceitar que mediunidade é um pesado encargo que se cumpre inevitavelmente com sacrifício de suas mais caras preferências ou sob a ameaça de algum azorrague invisível.

Se se deixar possuir por esse ânimo negativo, o mau humor se instalará em seu coração e a má vontade será o fruto dessa árvore. É necessário possuir-se, na expressão do sábio Espírito de Emmanuel, do:

- espírito missionário, e ter na função mediúnica uma doação celeste;
- banhar-se nos eflúvios de Jesus que nos confia, embora nossa pequenez, tarefas delicadas e fundamentais, elevando-nos a semeadores da felicidade.

Examine o médium o reequilíbrio que se instala à sua volta, a tranquilidade que de si promana, a paz que se consubstancia após os seus passos, o bem-estar que se espalha, a consolação que esparge — e concluirá que a mediunidade pode ser missão Divina se lhe emprestamos o apoio de nossa vontade.

Somente os estudantes apressados poderão classificar a mediunidade como o estigma que demarca os maiores devedores do Universo, qual se todos os médiuns fossem meros marginais ou perigosos desequilibrados psíquicos.

Não se viva sob tal indução depressiva.

O médium que se erija num mandatário da paz.

9- VARIEDADE DE DONS

No atual estágio da faculdade mediúnica, o sentido que nos permite contacto direto com o Invisível pede especialização, a fim de que asseguremos maior acuidade perceptiva e, principalmente, que ampliemos nossa capacidade de serviço.

Entre os matizes mediúnicos encontramos:

- o intuitivo — que consiste na recepção das ideias e sugestões dos Espíritos, de permeio com os nossos pensamentos normais;
- o psicofônico — em que os Espíritos utilizam as cordas vocais do intermediário encarnado para falar aos circunstantes eventuais ou aos estudantes habituais;
- o psicográfico — em que os Espíritos tomam da mão ou da inspiração do médium para grafar os seus pensamentos, as suas necessidades, as instruções que pretendem transmitir;
- o clarividente — em que os Espíritos tornam visíveis ao médium quadros reais ou panoramas gerais ou parciais do Além, revelando os seus propósitos, as suas intenções, as suas resoluções, o seu estado.

Outros existem estudados no “Livro dos Médiuns”.

A questão será:

— Convém ao médium possuí-los todos?

A resposta, implícita já neste capítulo, é que nenhum médium deve interessar-se pela generalização de sua faculdade abraçando vários dons mediúnicos simultâneos, qual se fora enciclopédico.

Correrá o risco de confundir-se e não se ajustar ao plano de serviço efetivo que lhe confia a Espiritualidade. À semelhança das Ciências e Artes, que tomaram o rumo da especialização para ampliação de sua eficiência, caberá ao médium dedicar-se apenas a um dos setores de sua faculdade, dando-lhe o máximo de rendimento.

E a outra questão:

— Dentre as modalidades, qual a mais importante? Façamos, juntos, alguns apontamentos. Anotemos, desde já, que a importância da faculdade não está jamais em si mesma.

Repousa, antes, no bom uso que dela se faça. E o primeiro traço a revelar um trabalhador fiel e digno é a satisfação com que desempenha os seus encargos no setor de trabalhos a que se entrega.

A afluência de público, os efeitos espetaculosos, a admiração ou perplexidade dos leigos — não devem ser elementos que adicionemos ao nosso foro íntimo para rogar aos

Céus nos concedam esta ou aquela modalidade de fenômeno que ainda não despontou em nós.

Muitos corações bem intencionados afirmam que se possuíssem a mediunidade de materialização haveriam de dedicar-se inteiramente à produção de feitos que polarizassem atenções e convertessem multidões.

Outros afirmam que se fossem médiuns curadores dedicariam todas as horas de sua existência ao restabelecimento do povo... Enquanto isso, o seu campo atual permanece abandonado!

E Paulo de Tarso nos fala em suas cartas de amor:

— Quem tem o dom de falar, que fale. Quem tem o dom de ouvir, que ouça.

Quem tem o dom de ver, que veja.

E acorda-nos para a importância de utilizar os talentos que já nos foram confiados, para que nos façamos dignos de vê-los multiplicados a bem de todos.

10- PRÁTICA MEDIÚNICA

Pela prática mediúnica atingiremos uma maleabilidade maior, um intercâmbio mais definido, um vencimento de inibições psíquicas, um aniquilamento gradual de dúvidas — podendo, então, entregar-nos a serviço eficiente para o nosso próximo na Seara Espírita.

Evitemos, porém, confundi-la com desenvolvimento. A prática consiste em o médium colocar-se dentro do campo experimental ou assistencial com noções do mecanismo da mediunidade e de seus compromissos para, a pouco e pouco, ir estreitando relações com a Espiritualidade.

É igualmente dominar-se. É também servir aos irmãos desencarnados. Permite-nos aprimorar a afinização, adestrando-nos ao amparo e à assistência carinhosa.

Não julguemos, porém, que prática mediúnica seja apenas sentar-se em volta da mesa de reuniões Espíritas e ceder-nos passivamente ao desconhecido.

Antes, deveremos conhecer o mundo com o qual nos relacionaremos, o que ele nos traz, quais os melhores meios da intercomunicação e o que se espera de nós.

Se não tomarmos tais cuidados preliminares, a nossa chamada prática mediúnica pode transfigurar-se em sujeição mediúnica, em que ficaremos entregues a Espíritos de todas as categorias, com predominância dos maus, que se apossarão de nossa vontade e de nossa faculdade para cumprir os programas que eles tragam e que nem sempre se ajustam aos programas Espíritas-cristãos que visam a redenção moral de nossa Humanidade.

A sujeição mediúnica não tem nenhum objetivo de ordem elevada, nenhum propósito nobre. É uma busca de proveitos pessoais ou materiais e serve, mesmo com toda roupagem digna que se queira vesti-la, para os propósitos anticristãos de companheiros compromissados com as Sombras e que aviltam a faculdade mediúnica para imantar-nos aos seus círculos de ação.

A simples prática mediúnica não rompe com sujeições obsessivas e nem nos desliga de Espíritos levianos.

Contrariamente a forrar-nos da influenciação inferior, estreita ainda mais os laços de domínio com que tais entidades se terão atado ao carro de nossa existência, conservando-nos aprisionados em suas redes qual peixe que se deixou atrair pela isca.

Além da prática urgimos por desenvolvimento sob as luzes do Evangelho do Senhor, restabelecidas pela codificação de Allan Kardec.

11-DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

No sentido Espírita-cristão, desenvolver mediunidade é aprimorar nossa capacidade de relacionar-nos com os Espíritos, incorporando-nos aos servidores do Evangelho que labutam para a regeneração dos aprendizes da escola terrena.

É nossa educação psíquica.

O burilamento da faculdade mediúnica liga-se intimamente ao nosso comportamento moral. Para relacionar-se com Espíritos nobres não basta apenas o querer.

É preciso mais do que uma intermitente e fugaz aspiração, num determinado momento de nossa vida.

É fundamental que criemos um interesse recíproco e efetivo, fazendo-nos dignos da presença e da orientação de almas que, por sublimadas, desenvolvem tarefas inúmeras.

Um Espírito maior só se aproxima do aprendiz quando este possua condições de absorver-lhe as lições e ajustar-se ao esquema de serviços.

Seria mesmo um dispêndio de tempo útil se corresse atender todos os que lhe evocam a presença, esquecidos de apropriar-se das lições que já gravitam à sua volta.

Um Espírito elevado é um mestre. Comparemo-lo, pois, com os nossos mestres.

Entre nós, os professores de nível universitário não se dedicam a ensinar alunos que estejam cursando as primeiras letras do alfabeto em nossas escolas elementares.

Aguardam que os petizes sofram uma triagem, percorrendo a escala gradual do conhecimento até que, após vencerem as provas vestibulares, façam jus à frequência de aulas com noções mais profundas de Ciência, de Arte, de Filosofia e toda a gama de valores culturais entesourados em milênios de evolução.

É o ritmo da auto seleção natural. Educando-nos moralmente, ou seja, ampliando a nossa visão do Bem e do Mal, optando pela prática do Bem, elevaremos nossas vibrações fluídicas individuais e estabeleceremos um vínculo com as esferas mais altas.

Criado o liame, estaremos ajustados aos esquemas de trabalho de Jesus e seremos mobilizados para o setor em que mais produziremos. Nesse ajuste de nossas aspirações às atividades superiores dos Mentores da Vida, está o objetivo do desenvolvimento mediúnico.

Difere, pois, da simples prática mediúnica. E não se realiza, pela natureza do exercício a que nos impele, apenas em as mesas de intercâmbio e socorro espirituais. Foge do âmbito estreito das paredes de um agrupamento humano, para tornar-se uma necessidade permanente em nossa existência.

Tais exercícios, com o objetivo de atingirmos condições íntimas para o intercâmbio cristão, realizam-se a todos os minutos e a todos os segundos de nossa vida:

- no clima familiar,

- no círculo de amigos e companheiros,
- na proximidade de nossos vizinhos,
- nas cercanias espirituais de nossos inimigos,
- na mira de nossos perseguidores gratuitos,
- na estrada por onde palmilham os sofredores,
- sob o teto das famílias pobres,
- nos agrupamentos de estudos,
- nos Templos de nossa fé...

12-MEDIUNIDADE E CRISTIANISMO

Pelo seu comportamento o homem pode estabelecer uma necessidade de repetidas encarnações dolorosas, a fim de resgatar os débitos contraídos com a nossa Humanidade pelo desrespeito às Leis do Amor e para que aprenda a fazer bom uso de seus sentidos.

É que possuindo olhos, apenas os exercita em descortinar o mal; articulando sons, detém sua palavra na lama da maledicência e da calúnia; provido de braços, emprega-os em atos de violência; dotado de pernas, utiliza-as para frequentar antros de vícios e de desequilíbrios.

O homem tem por destino a perfeição. Deverá renovar os seus conceitos de uso e de fins e aprenderá, a braços com a Dor que elegeu por sua companheira e mestra, a servir-se nobremente de todas as faculdades que poderá estar malbaratando num jogo de prazeres grosseiros.

A mesma ocorrência se dá com a mediunidade. Ela é apenas mais um dos seus sentidos. Como os demais é confiado à criatura para que ela se aprimore, que se dignifique, que se eleve, percorrendo os diversos degraus que a separam dos Planos Superiores.

E, como os demais sentidos ou implementos físicos, também a mediunidade pode sofrer aviltamento.

Pitonisas, oráculos, buena-dicha e uma legião de criaturas aparentemente dotadas de um poder estranho e desconhecido em seu tempo, entronizaram-se na História em festins de sangue, de ódio, de intrigas, de violência, de ciúmes, de cobiça — e eram médiuns em exercício!

Profetas, santos, almas generosas, missionários do Bem e do Amor, elegeram-se a exemplos rutilantes de bom senso e de ternura, de piedade e humildade, de benevolência e tolerância, de simplicidade e sabedoria extra terrena — e eram também médiuns, enobrecidos sob a inspiração de Jesus e trabalhando com as Falanges santificadas.

A mediunidade que eleva e aprimora é a faculdade que objetiva pôr-se a serviço do próximo. Servir, porém, no sentido de espiritualização, de enobrecimento da alma, de dignificação e renovação moral, de semear amor e humildade pelo próprio exemplo.

Sem Jesus todo intercâmbio é comprometedor. Sem Jesus toda faculdade pode tornar-se lama. Sem Jesus a mediunidade poderá ser um atalho que nos atirará aos abismos de vorazes paixões que determinam reencarnações cruciais em quadros de provação física e moral dos mais dolorosos.

O comércio com entidades infelizes, conspurcando a fenomenologia respeitável e construtiva, poderá dar-nos a sensação de termos conquistado um exército de servos que se curvam às nossas ordens e caprichos.

No entanto, nada mais estaremos fazendo do que oferecer-lhes a nossa liberdade, a nossa vontade, e de cervos aparentes em realidade serão eles os senhores de nossas emoções e de nossa existência.

Não poderemos olvidar os brindes e os presentes de ilusão que oferecíamos, no passado, aos nossos irmãos da África e de outras partes de nosso mundo para, após, arrebanhá-los em magotes que encaminhávamos aos currais de nossas fazendas, na posição de escravos. Só Jesus é libertação, sem fantasias.

Rendamo-nos, pois, sob o palio do Mestre. Desde cedo amemos o seu jugo suave. Colocando nossa mediunidade a serviço do Evangelho e sob suas luzes, colaborando para o soerguimento de nossos pobres irmãos transviados do caminho do Bem. encarnados e desencarnados, receberemos a gloriosa láurea de: obreiros da Verdade e do Amor.

13- MECANISMO DAS COMUNICAÇÕES

Limão.

Observemos as reações que se desencadeiam em nós mesmos, à medida que mentalizamos o fruto verde e azedo que é o limão, principalmente quando recordamos já tê-lo cortado e espremido o suco num recipiente. Limão.

A ocorrência orgânica, que podemos registrar, nesta altura, é a de que temos a boca cheia d'água, salivação abundante.

A rememoração do fruto promoveu um reflexo em nossas glândulas salivares, acelerando-lhes a produção normal, qual se tivéssemos deposto sobre nossa língua algumas de suas gotículas ácidas.

No entanto, o fruto em si está ausente e só o nosso mecanismo mental desencadeou a reação orgânica que se assemelha com a de nosso contacto direto com o mesmo. Mas, houve um princípio fundamental.

Tivemos necessidade de um contacto real com o fruto, a fim de reagir agora como se estivéssemos sob a sua ação direta.

Se jamais tivéssemos conhecimento do limão não teríamos criado esse reflexo automatizado em nosso mundo mental e, conseqüentemente, não haveria insalivação espontânea tal a precipitada pela simples menção do nome ou das propriedades do fruto. Essas noções são válidas para a mediunidade.

O fenômeno mediúnico atende o mesmo mecanismo.

Temos determinadas experiências pessoais e quando entramos em sintonia com as ondas mentais dos Espíritos registramos em nós mesmos um reflexo de uma vontade estranha da nossa, mas que precisa de nossa experiência pessoal e de nosso organismo para manifestar-se junto ao nosso plano material e grosseiro.

Assim como não se torna indispensável que o limão esteja em nossa boca para a insalivação, também o Espírito do qual recebemos os pensamentos não adentra o nosso corpo e nem sempre se apossa de nosso organismo para comunicar-se por nosso intermédio.

Recebemos e registramos suas sensações, em grau de maior ou de menor consciência ou lucidez, e nos tornamos os porta-vozes de sua vontade e de suas emoções. A ideia que incorporar um Espírito é ceder-se ao domínio absoluto e sem restrições ao comunicante nasce de uma interpretação errônea do mecanismo das relações psíquicas.

Salientemos que, por vezes, são alguns Espíritos que, grosseiros demais para compreenderem as leis mentais, espargem tais falsas notícias aos encarnados. É que tais Espíritos são tanto ou mais ignorantes do que os seus ouvintes e detalham um seu ponto de vista pessoal que lhes parece uma verdade.

Para eles seria realmente difícil uma comunicação se não se julgassem dentro do médium de que eventual ou habitualmente se utilizam. Mas tal posição dentro do mediano é apenas uma impressão pessoal, deturpada, que tomam por verdadeira.

Acompanhemos um exemplo simples da ocorrência. Uma criança olha um receptor de rádio funcionando e indaga de que maneira os locutores e os cantores se encontram dentro da caixa do aparelho.

Torna-se difícil compreender que o som é recolhido por sinais eletrônicos que são reinterpretados por válvulas, resistências, condensadores, transformadores, externando-se no alto-falante em voz humana ou música.

Se pedirmos a essa criança uma descrição da ocorrência ela nos informará, candidamente, e anunciando o que é para si uma verdade inabalável:

— Dentro do rádio existe gente. . .

Evitando, pois, que uma interpretação fantasiosa ou enganosa possa inclusive interferir no comportamento do médium, deve ser ele informado em sua fase de desenvolvimento:

- seu pensamento são vibrações que se propalam no espaço, formando ondas mentais diferenciadas, assim como as do rádio que se utiliza das ondas hertzianas disciplinadas em frequências;
- suas ondas individuais se conjugam com outras que se afinizam com os seus pendores, com o seu modo de pensar e de agir no cotidiano;
- concentrando-se, o médium emite mais intensa mente as suas próprias ondas e entra em sintonia ostensiva com Espíritos que se encontram irradiando na sua frequência normal;
- fechando o circuito de radiações com esses Espíritos, ou seja, sintonizando-se com os seus pensamentos, o médium os recebe em si mesmo na forma de ideias, impulsos e vontades diferentes das suas;
- não se faz indispensável que os Espíritos tomem posse física do corpo do médium para externar-se e não entram, por consequência, dentro do seu corpo;
- os Espíritos não tomando posse do médium para comunicar-se, este pode e deve controlar seus gestos, suas atitudes, suas palavras, por mais imperiosas sejam as determinações dos visitantes invisíveis;
- os Espíritos infelizes, à vista de sua condição moral deficiente, precisam de pôr-se perto do médium para ter as sensações materiais de que estão falando e ouvindo;
- os Espíritos superiores podem transmitir os seus pensamentos e sua vontade de qualquer distância, porque dominam as ondas mentais e não necessitam de registrar sensações físicas grosseiras;

- as sensações físicas dos médiuns, espelhando as dores, os sofrimentos, as deformações ou a sublimação orgânica do comunicante, atendem o mesmo princípio de reflexos condicionados que analisamos no limão;

- o médium não retém, após as comunicações, as angústias, as fobias, os problemas e as vibrações fluídicas dos comunicantes, salvo quando, pós encerrada a sessão mediúnica, conservar-se em sintonia mental voluntária com o Espírito...

No mecanismo das comunicações, portanto, o médium deve exercer inteiro controle de seu comportamento e é, por isso, responsável também pelas palavras que transmite, pelos gestos ou atitudes que externa, pelas aberrações ou comportamentos exóticos que sustente.

Nenhuma posse existindo de seu corpo, a manipulação de seu organismo só se dá com sua plena anuência.

E o médium se elege a colaborador das Falanges de Jesus quando opera no campo do Bem espiritual e se torna comparsa -ou coadjuvante do plano espiritual infeliz quando se compraz e se faz conivente em suas manifestações.

14- AFINIZAÇÃO

Afinidade é uma lei de atração de energias que se assemelham ou que se relacionam e, na aplicação que damos ao vocábulo nos estudos Espíritas, tem a mesma significação de gostos ou preferências, de tendências e prazeres que se atraem mutuamente pela semelhança de suas vibrações mentais.

Quem aprecia o futebol, a exemplo, afiniza-se com outro aficionado do mesmo esporte. Quem se imanta ao noticiário sensacionalista, conta em seu círculo de relações com pessoas que são apaixonadas pelo escândalo e pela violência.

O conhecimento da lei de afinidade é fundamental.

O médium quando se dispõe ao trabalho de comunicações espirituais liga, voluntariamente, seu sentido receptivo e transmissor à faixa mental com que se afiniza.

Suas irradiações, partindo de seu mundo íntimo, alcançam todos os Espíritos que se encontram nessa mesma onda de pensamentos.

E são justamente aqueles que se encontram mais próximos, seja proximidade física, seja proximidade de objetivos aspirados, que respondem de imediato ao seu apelo mental e que se utilizam, conseqüentemente, de sua faculdade medianímica para a interrelação com os encarnados.

À medida que o medianeiro encarnado souber manipular elevadamente as suas radiações mentais, ajustar-se-á com Espíritos de escol. E estes serão os que responderão à sua disposição de trabalho.

É evidente que a elevação da classe de Espíritos com que o médium se relacione não anula a presença de irmãos infelizes que urgem por socorro justo e carinhoso.

Apenas que, a partir de sua elevação moral, a comunicação dos que se encontram desequilibrados será organizada por Mentores Espirituais tendo em vista a assistência psíquica que eles necessitam.

Não serão, porém, tais criaturas enredadas em sofrimentos que manipularão a faculdade mediúnica e nem se elegerão a guias ou orientadores do médium. Exemplifiquemos a ocorrência.

Um amante do futebol quando possui um aparelho receptor de rádio, conhece todas as emissoras que transmitem o noticiário que ele aprecia. Via de regra o ponteiro de seu aparelho está como que fixado na emissora de sua maior preferência.

Na hora aprazada, ele apenas aciona o dispositivo e recebe exatamente o que estava procurando: a informação que o satisfaz.

No entanto, todos sabemos, a antena daquele receptor está envolta por outras espécies de sinais, quer os oriundos da música erudita e das pregações morais edificantes, quer os originários das novelas radiofônicas e do cancionero popular.

E mesmo com tais estímulos, o dono do rádio se compraz em ouvir o que lhe interessa e permanecerá ali até o dia em que, além do esporte, se afinize com outras modalidades de entretenimento ou de educação. O médium também receberá o que procura.

A sua afinidade o imanta a determinadas ondas mentais que se assemelham com as suas e que marcam a espécie de recepção que terá.

E, por esse mecanismo da Lei Natural, poderemos permutar as companhias espirituais que nos formam o clima pessoal, quando quisermos, ou conservar-nos permanentemente próximos daqueles que nos cercam atualmente.

15-ATMOSFERA MENTAL

Raramente o homem pensa, junto do ato de falar. Em geral, as respostas que fornece às mais diversas indagações de seus semelhantes ou às mais diferentes circunstâncias de sua existência, são inteiramente automáticas, já estavam armazenadas em seu mundo íntimo.

Primeiro fala, depois pensa. Primeiro age, depois reflete. Seria dispendioso, senão quase impossível, se a todos os acontecimentos tivesse a criatura de organizar uma sequência de pensamentos, raciocinando mais ou menos demoradamente para, após, externar um ponto de vista ou uma opinião.

A própria Natureza, por um mecanismo psíquico todo especial e reconhecido parcialmente pela Ciência, dota a criatura da capacidade de armazenar reações e respostas que, quando requisitadas, são fornecidas por reflexos automáticos.

O tipo de reações desse arquivo milenar, contudo é constantemente alterado, reformado, melhorado ou algumas vezes, degenerado, atendendo sempre às preferências de cada um.

Há, pois, uma progressão infinita de nossos comportamentos à medida que evoluímos correspondendo a uma troca de matrizes internas para o fornecimento de outros tipos de respostas a cada estímulo externo. Exemplifiquemos.

Uma criança educada erroneamente no sistema de supremacia da força física, recebe a seguinte recomendação de seus pais ou tutores:

— Não traga desaforo para casa! É levada, portanto, a reagir agressivamente a cada ofensa que receba ou toda vez que se julgar ferida em sua sensibilidade ou em seus valores morais, partindo imediatamente à desforra, a fim de não levar ofensas dentro de si.

Essa matriz permanece-lhe no íntimo. Uma palavra áspera, um mal-entendido funciona sobre o seu mecanismo qual se lhe pressionassem um botão e a raiva se articula dentro de si e se externa com sua característica de violência.

Contudo, à medida que a criança se torna jovem, e de jovem se faz adulto e de adulto marcha para a senilidade, encontra-se com uma série de circunstâncias frente às quais, embora queira, não pode ou não lhe convém reagir agressivamente.

É o padrão que lhe garante o pão de cada dia. O amigo a quem ele respeita. Os parentes a quem ele acata... E sua primitiva filosofia de força cede lugar à tolerância.

O clichê infantil, aí, já sofreu modificações. E pode mudar-se ainda mais. Se no curso de sua existência essa criatura admitir em si mesma os princípios renovadores do Evangelho e incorporá-los parcial ou integralmente, ao revés de simples mudanças no clichê mental que lhe ditava o comportamento brutal esse será substituído por completo.

Reconhecerá no ofensor um enfermo da alma, necessitado de amparo e de assistência, e lhe responderá, ante os gestos de loucura súbita, com um envolvente carinho, uma enorme piedade, uma elevada consideração.

Cada comportamento aprendido corresponde a uma sequência de princípios aceites, permanecendo irradiante à nossa volta, compondo-nos a atmosfera mental, o hálito espiritual que dimanamos, dinamizando a nossa simpatia ou antipatia que nos faz reconhecidos entre encarnados e nos identifica entre os desencarnados. Esse clima mental nos individualiza.

E reflete as nossas companhias espirituais. Para que nos alteemos psiquicamente cumpre-nos a renovação integral de nosso mundo íntimo, substituindo o que não convém e corrigindo o que esteja levemente distorcido.

Mas, a reforma é lenta e, embora lenta, realizável, desde que utilizemos a nossa vontade para criar outros tipos de reações e comportamentos ajustados às normas do Espiritismo-cristão e que assegurarão, por sua vez, companhias espirituais sadias e nobres.

16-INFLUENCIAÇÃO

Nas comunicações mediúnicas os Espíritos não tomam posse do corpo e nem da vontade do médium, salvo se este o permitir.

Os que se aproximam espiritualmente o fazem dentro dos princípios de afinização fluídica, ou seja, se ajustam ao gosto e às preferências habituais do médium.

O clima mental que se edifica à nossa volta, por fruto de nossos pensamentos mais constantes, é que determina o entrelaçamento psíquico e nenhuma aproximação se realiza atendendo apenas os nossos rogos ou aspirações subitâneas.

Em sã consciência ninguém evocará um malfeitor da espiritualidade para realizar seus programas individuais na face da Terra, por se intuir de que a contratação de um marginal da erraticidade corresponde a uma vinculação a preço certo e por tempo indefinido.

Seja qual for o nosso propósito, temos um impulso muito natural de clamar por um Espírito elevado, por sabê-lo possuidor de mais recursos para qualquer empreendimento do que um ser de pequena evolução. Com estas noções poderemos compreender influenciação.

Damos a influenciação o sentido de: sensações anormais, física ou espiritualmente, que a criatura registra por efeito ou ação de um Espírito sobre a sua vontade ou o seu organismo.

Se a influenciação é deprimente, dolorosa, dizemos que é uma perturbação espiritual; se é sadia, elevada, afirmamos ser uma inspiração ou intuição dos Obreiros de Jesus. Num e noutro caso, no entanto, estão ajustadas aos princípios tríplexes que já assinalamos: mecanismo das comunicações, afinização fluídica e clima mental.

Se estivermos ilhados por má companhia espiritual e quisermos permutá-la por outras melhores, teremos de revisar o nosso mundo íntimo sob as luzes do Evangelho-Redivivo, desenterrando todos os nossos defeitos para analisá-los.

Após esse exame de comportamento e de ideações, estaremos habilitados a corrigir os desvios morais que praticamos até despercebidamente e sanaremos nossos pensamentos e nossos comportamentos desajustados.

Se nos propomos a viver em contato com Espíritos Superiores, teremos de sustentar nossa casa mental limpa e em ordem, de forma tal a proporcionarmos aos nossos Irmãos Maiores um motivo justo para suas visitas. Não poderemos, evidentemente, chamá-los ou querê-los apenas para que eles se tornem coniventes com nossos caprichos.

Os que rogam são de duas categorias diferentes:

- uns a braços com a perturbação,
- outros já em fase de libertação interior.

Os primeiros refletem:

— Eu quero. . .

Eu preciso. . .

Eu desejo. . .

Eu pretendo...

Eu necessito...

Atendam-me...

Ouçam-me. . .

Os segundos ponderam consigo mesmo:

— Tenho sido suficientemente bom? Acaso não terei deixado de fazer algum bem que poderia ter realizado ao meu próximo? Estarei pensando mais nos outros do que em mim?

Os primeiros, nas orações angustiadas, rogam:

— Ajude-me a ganhar, Senhor. . . Garanta-me sucesso nos negócios. . . Ampare a minha família. . . Afaste de mim os maus Espíritos. . .

Tais súplicas são ditadas pelo coração ainda assenhoreado pelo egoísmo e visam apenas o benefício próprio ou dos seus, revelando uma alma ainda distante das aspirações da ordem coletiva ou de felicidade do seu semelhante.

Os segundos atendem o gênio da oração dominical:

— Senhor, abençoe todos os sofredores. . . Ampare as nossas necessidades espirituais, não nos permitindo confundi-las com nossos desejos inferiores...

Que os Espíritos infelizes se rendam à orientação benfazeja das Almas Puras e que possam viver ao meu lado e que, juntos, nos evangelizemos. . .

A prece que pulsa nesse coração tem um sentido impessoal, coletivo, situando o suplicante na categoria de um transformador de energias a receber as emanções celestiais para redistribuí-las aos carentes de luz e paz, de harmonia e equilíbrio. Em condução:

- os primeiros só poderão recolher a influência má que fazem florir com os seus pendores e as suas aspirações orgulhosas e egoístas;

- os segundos estarão em simbiose com os Mentores da Vida Maior, que neles encontram os instrumentos dinâmicos para a instalação do Reino de Deus dentro dos homens e para extinguir este Mundo de egoísmo e de orgulho onde nos encontramos hoje.

17- MEDIUNIDADE GRATUITA

O exercício mediúnico depende dos Espíritos. Necessitando do medianeiro encarnado, os Espíritos não guardam uma dependência absoluta, para realização dos fenômenos indispensáveis à progressão de nossa Humanidade, de uma pessoa determinada ou especial.

Se uma deixa de servi-los ou atendê-los, eles buscam outras. Os desígnios do Alto não ficam sujeitos à colaboração dos homens. E ninguém pode determinar-lhes as manifestações. A mediunidade depende, pois, dos Espíritos.

Deve ser, por tal, gratuita. Através do sentido mediúnico os enviados de Jesus beneficiam a nossa Humanidade e a cada ser em particular, ofertando-lhe orientação preciosíssima em relação à Vida Eterna.

Despreocupados dos fenômenos de ordem transitória, trazem mensagens de eternização, de reforma íntima, induzindo-nos a encaminhar-nos ao estado de verdadeira felicidade. O médium não pode, conseqüentemente, condicioná-los.

E se um médium aceitar pagamento pelo exercício de tua faculdade, naturalmente aceitará as condições impostas pelo consulente e quererá impô-las ao comunicante invisível.

Quem oferece moeda corrente, presentes, favores diversos como empregos, financiamento, mimos ou retribuição de qualquer espécie ou ordem, está na posição de quem compra, direta ou indiretamente, alguma coisa e pode exigir o que deseja obter.

E o médium ficaria obrigado a satisfazê-lo. Mas, quem garantirá que o Espírito concorde? Quem assegurará que o Espírito se interesse?

Ninguém, efetivamente, pode oferecer essa segurança. Somente Espíritos levianos ou desocupados permanecem ao lado de médiuns que compromissem o exercício de suas faculdades com a troca de valores materiais, a preço estipulado ou confiado a critério do consulente.

E médiuns tais são levianos e só podem tratar com Espíritos de sua mesma categoria. Ninguém, portanto, deverá utilizar o tempo que considerar indispensável ao seu ganha-pão diário no exercício mediúnico, desde que pela sua utilização pretenda justificar as pagas que lhe assegurarão a sobrevivência orgânica.

Não existindo laço algum de compromisso entre médium e consulente, os Espíritos poderão transmitir a sua mensagem de acordo com as reais necessidades espirituais daquele que busca o intercâmbio salutar e o médium não se sentirá constrangido em ver que o amigo que o procura não é atendido naquilo que realmente pediu.

Muitos rogam libertar-se de enfermidades. Os Espíritos poderão indicar-lhes a resignação. Alguns poderão suplicar por fortunas. Os Espíritos ministrarão a lição da pobreza. Outros aspirarão pelas posições de relevo.

Os Espíritos mostrarão as sendas da humildade.

Entre o que as criaturas pedem com os seus lábios, atendendo desejos indisciplinados, e o que a Espiritualidade lhes oferece — sempre é a necessidade espiritual de cada um que ganha preferência e não os rogos que sejam frutos de seus caprichos e de seu egoísmo e de seu orgulho. Para os médiuns Espíritas-cristãos não há salário maior do que a satisfação de servir, sem condições.

18- MEDIUNIDADE E ORAÇÃO

Oração é entrelaçamento entre a Terra e o Céu.

Por mais puro que nos julguemos ou pareçamos ser, sustentando o propósito de agir e reagir sempre dentro das normas salutaras do Espiritismo-cristão, vivemos num Mundo marcado de egoísmo e orgulho — que são as duas chagas vivas que nos convidam ao desequilíbrio.

Ouvindo ou falando — relacionamo-nos com esse Mundo. Surge a oração como renovação. Impossível, pois, exercer a mediunidade nobre, que se coloca a serviço da reformulação moral dos homens, se não estivermos ligados continuamente aos Espíritos Superiores que nos ampararão a faculdade psíquica em desabrochamento.

A oração é essa união de planos. Não há, contudo, fórmula alguma que se possa recomendar como mais eficiente ou menos eficiente.

A oração deve ser espontânea, natural, tornando-se um diálogo íntimo, autêntico, de nossa alma em agradecimento pelos bens recebidos ao longo da nossa jornada de aprendizagem.

Não raro uma ou duas palavras, brotadas do coração, fazem um efeito extraordinário, transportando-nos a ondas mentais sublimes.

E, noutras vezes, a oração longa, repleta de ponderação e pedidos, quase um discurso, não acorda em nossa alma uma só fibra, uma só vibração de amor e ternura e permanecemos isolados das esferas divinas mesmo repetindo e alongando a nossa súplica. Não fosse assim, as crianças estariam privadas de orar.

Retardados e mudos não confabulariam com os Céus. Selvagens e primitivos seriam órfãos desse Bem. Então, as orações mais belas seriam formuladas por lábios que se educassem no uso de belas e sonoras frases que, repetidamente, adornam a boca, distantes do coração.

Pela sua sublimidade natural, a prece pede:

- que seja sincera,
- que reflita nosso modo de sentir,
- que a nossa conduta, antes e depois da oração, sejam afirmações de nossa confissão ao Pai e a Jesus,
- que alimentemos calma e resignação, paciência e equilíbrio emocional relativo, a fim de identificarmos em nós os benefícios da simbiose com a Espiritualidade Maior,
- que procuremos identificar-nos com os fluidos benéficos que nos percorrem o corpo e a alma. Não há mediunidade cristã sem oração!

19- MEDIUNIDADE E ESTUDOS

Os Espíritos utilizam nossos recursos. Se entesouramos conhecimento e bondade em nossa alma, encontrarão eles uma fonte razoável que poderão multiplicar a benefício de todos os que nos cercam.

Não poderemos ser bons medianeiros se lhes oferecermos ou apenas bondade ou apenas conhecimentos. Preciso é que ambos os recursos se conjuguem, aproximando-nos psiquicamente de sua própria posição, a fim de fazer-nos bastante úteis.

Anotemos que eles são: bons e sábios. Qual o melhor caminho para alcançarmos tal posição? Eis o que deveremos ponderar.

O contato com as leituras, mormente as fundamentais da Doutrina Espírita, a codificação de Allan Kardec, permitirá que nos assenhoreemos das Leis Espirituais e que nos ajustemos ao seu mecanismo universal.

E, mais ainda: essas leituras renovarão o nosso clima mental, criando à nossa volta uma atmosfera higienizada onde as almas enobrecidas poderão respirar e viver por longo prazo. A Doutrina pede consciência de nossos atos.

É o mais seguro, senão o único caminho da redenção. Não poderemos regenerar-nos tateando às cegas e ora cometendo um engano por ignorância, ora outro por cândida boa intenção.

Só entraremos em fase regenerativa quando abrirmos a nossa razão para a inspiração superior. Nossos Mentores não esperam de nós a posição de títeres ou fantoches, que movimentem a seu prazer.

Aqueles a quem falte a bênção da visão ou a do conhecimento das letras de nosso alfabeto — procurarão conviver com as reuniões instrutivas do Espiritismo cristão, que são organizadas em nossos Templos de fé, permitindo-nos a conversação edificante, o afastamento de dúvidas, o crescimento de nossos conhecimentos, a nossa libertação dos erros e o rompimento das malhas da ignorância e da hipnose do nosso senso-moral.

À vista de nossa dificuldade de sustentarmos biblioteca bem formada, Jesus nos tem enviado companheiros que se internam na carne e que convivem conosco, no mesmo plano visível, trazendo-nos o ensinamento verbal que se nos faz imprescindível.

Os explicadores Espíritas se multiplicam. Basta que aspiremos a sua convivência e eles usarão o seu tempo para conversar conosco, elucidando-nos temas Doutrinários decisivos para a nossa existência e para o nosso trabalho.

E, para esse benefício, basta que cheguemos um tanto mais cedo às salas de reuniões ou que nos mostremos um tanto menos apressados no final das sessões e das exposições públicas e os explicadores Espíritas sentirão prazer em instruir-nos.

A título de estudos, porém, não procuremos o inusitado. Jesus foi simples e objetivo, falando das leis espirituais que interessavam de perto à nossa evolução na Humanidade que nos recebe por componente e aluno.

Não se ocupou senão em dar-nos na medida de nosso entendimento o que poderíamos raciocinar. Por essa mesma razão, ao procurarmos os livros de nossa Doutrina ou os explicadores Espíritos, iniciemo-nos com aqueles que estão ao alcance de nossa cultura e só permutemos impressões sobre o que estamos aptos a entender.

Esse cuidado evitará que enveredemos pelas fábulas. Muita fantasia poderá agradar-nos a imaginação viciada em relatos fantásticos ou coisas inatingíveis. Muito dos conhecimentos que se enclausuram em frases difíceis ou em teoremas impenetráveis ou abstratos poderão atrair-nos se não formos precavidos.

Um tratado de cirurgia pode ser encantador. Se, porém, não formos médicos ou se não tivermos reais conhecimentos da ciência médica, de nada nos servirá. Uma tese de Direito pode ser respeitável.

Se, no entanto, não formos advogados ou não tivermos a base fundamental das leis de nossos Tribunais, permaneceremos tão ignorantes da mesma, quanto antes de lê-la. A astronáutica pode guardar nobres revelações.

Se, contudo, nos fundamentarmos nos noticiários dos grandes jornais ou nas reportagens aparentemente minuciosas das revistas para analisarmos o tema, poderemos impressionar os mais tolos do que nós, mas nunca enriqueceremos a nossa personalidade com algo respeitável.

Evitemos a intoxicação de más leituras. E a intoxicação de más leituras se dá por ingerirmos tudo o que se imprime com o rótulo de Espírita ou Espiritualista, sem que antes nos tenhamos adestrado nas obras realmente dignas e respeitáveis apenas porque elas não falam ao nosso apetite de devaneio.

Resta-nos, após tais lembretes, apenas um. Leitura fundamental e de cabeceira para todos os que se aproximam das reuniões de desenvolvimento mediúnico, e que se encontra ao alcance da compreensão de todos, é a de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

Nessa obra, Kardec reuniu a própria essência do cristianismo-redivivo tanto pela sua objetividade e pela sua aplicação imediata à nossa vida comum, quanto também pela sua simplicidade, pela clareza do seu texto, pela leveza de seus conceitos que se encontram nos degraus de todas as mentes e falam a todos os corações.

O médium deve ser um amigo do estudo.

20- MEDIUNIDADE E HUMILDADE

Humildade é raciocínio renovado no Evangelho.

O médium em ajuste às tarefas no campo do Espiritismo-cristão há-de sustentar permanente contato com os princípios restabelecidos do Evangelho de Jesus, elegendo “O Evangelho Segundo o Espiritismo” por programa de sua reforma íntima, renovando sob a sua inspiração todos os seus comportamentos nas mais diversas circunstâncias da Vida.

Que é ser humilde?

Em regra geral é aceitar o trabalho e suas implicações:

- não nutrir a pretensão de que os Espíritos satisfarão todos os consulentes e todos os visitantes, ofertando-lhes aquilo que procurem;
- não garantir a realização de nenhum fenômeno espiritual, por mais comum e repetido que seja, já que todas essas ocorrências dependerão dos Espíritos e do ambiente que se forme para favorecê-los;
- não se agastar com as críticas às comunicações vindas por seu intermédio e procurar analisá-las com as leis codificadas por Allan Kardec nas obras basilares e com as psicografadas pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, rejeitando todas as que deixem alguma dúvida;
- não se atribuir direito de nenhuma natureza pela realização de suas tarefas, já que se encontra ajustado aos quadros do Cristianismo-Redivivo, graças à Misericórdia Divina que nos recolheu em caminhos amargosos;
- não julgar que pelo fato de ser médium já se tenha garantido de privilégios na Espiritualidade e que se sinta, por isso, desobrigado de batalhar pela sua reforma interior;
- não se envaidecer e nem se orgulhar com as mensagens luminosas que chegam à Terra, lembrando-se de que elas são frutos da renúncia e do sacrifício de almas ilibadas que amam a nossa Humanidade;
- não se presumir puro demais para ser medianeiro de irmãos infelizes a braços com indescritíveis dramas conscienciais e estagiados no umbral de suas dores, pois que muitos deles são simples espelhos de nós mesmos;
- não se julgar superior aos demais caminheiros da existência, por estar ocupando a posição de medianeiro da Espiritualidade, uma vez que tal nos é facultado à vista de nossa carência de redenção espiritual;
- não confundir humildade com ignorância e procurar, urgentemente, instruir-se sobre os ensinamentos já transmitidos pelos Mentores que orientam e dirigem o Espiritismo-cristão;

- dedicar-se ao semelhante, sem deter-se em analisar-lhes a posição social ou a criticá-los pela aparente indiferença que nutram por si mesmos, porque todos nós somos credores de dedicação e recebemos, indistintamente, as atenções dos Céus.

O médium humilde é um obreiro de Jesus.

É cérebro e coração a serviço do socorro espiritual.

21- MEDIUNIDADE E AMOR

Não há mediunidade nobre sem amor no coração.

O amor é uma força interior que liberarmos a favor de nosso semelhante, envolvendo a todos nesse alimento espiritual de primeira grandeza e que permite o reequilíbrio de quem ama e de quem é amado, num clima de paz.

Com amor nos olhos, saberemos descobrir os traços de virtude ainda latente que se encontram na alma daqueles que nos cercam, fazendo-nos cegos para as suas paixões e para os seus defeitos — auxiliando-os a alcançar a sua cura espiritual e aspirar pela sua reforma íntima.

Com amor nos ouvidos, nossa audição receberá as confissões de ternura e os desejos de aprimoramento que despontam timidamente em cada lábio e em cada cérebro, tornando-nos surdos para a maledicência e para a calúnia, para as insinuações pejadas de veneno e para as intolerâncias de quantos nos circundem obsidiados — e desta forma todos sempre se sentirão encorajados à renovação de si mesmos, sem que se constanjam por recordar as palavras desajustadas que um dia proferiram.

Com amor na língua, nossas palavras se transmudarão em bálsamo para as chagas morais que se abrem na alma de pobres e de ricos, de amigos e de inimigos, de parentes e de companheiros, não se transformando no estilete e no punhal que ferem dolorosamente as criaturas na fomentação do ódio e do rancor — e incontáveis serão os que se sentirão encorajados ao próprio restabelecimento psíquico, ouvindo as ponderações nobres.

Com amor nas mãos, movimentaremos os nossos membros superiores no gesto da consolação e da ternura, da construção do Bem, não permitindo jamais que elas se façam inertes ou que se tornem instrumentos do Mal — e por tal ajustamento, muitos nos seguirão os gestos e verão o norte que lhes apontamos, transformando-se em operosos seareiros do Amor.

Com amor em nossos pés, conduziremos o nosso templo físico para as casas pobres e humildes e respeitosa e adentraremos as habitações palacianas e senhoris, nas tarefas da prece e do passe, no socorro domiciliar e de conforto a hospitais e presídios, não concordando jamais que as pernas se atrofiem nos antros dos vícios e das paixões e nem que nos conduzam aos sítios das Sombras para fazer-nos comparsas dos inimigos da Luz — e criaturas a quem amamos nos seguirão a caminhada, iniciando-se na prática da caridade.

Amor é a luz dos Espíritos Superiores. E o médium que aspira servir sempre, sob orientação maior, há-de formar a sua própria atmosfera fluídica luminosa amando a todas as criaturas, porque só o amor transforma os pântanos infectos em leiras dadasivas, o rancor em ternura, a paixão em virtude, a vingança em resignação, o orgulho em humildade — o homem em anjo.

22- MEDIUNIDADE E CARIDADE

Caridade é sol de consolação em nossa alma.

Os seus raios benfazejos, porém, não-de expandir-se em direção de todos aqueles que nos cercam, bons e maus, para beneficiá-los indistintamente, banhando-os na luz da esperança e do amor que se aglutinaram dentro de nós mesmos em consequência dos conhecimentos Espíritas que adquirimos.

E o médium deve procurar sublimar-se pela caridade. A caridade moral, que se encontra ao alcance de todos, por não exigir a posse de um centavo para realizar-se, revela-se nos mil pequenos detalhes de nosso comportamento, quer nas mesas de reuniões mediúnicas, quer em nosso comportamento diário, frente ao nosso semelhante:

- ao suportar-nos uns aos outros,
- ao calar-nos, deixando que falem outros mais tolos,
- ao fazer-nos surdos às palavras zombeteiras,
- ao tornar-nos propositadamente cegos para os sorrisos de desdém,
- ao distribuímos bons conselhos,
- ao renovarmos com alento os velhinhos cansados,
- ao orientarmos religiosamente as criancinhas atribuladas,
- ao praticarmos o perdão das fraquezas,
- ao conduzir os menos esclarecidos ao Templo de nossa fé,
- ao induzir os incrédulos a ouvir os Mensageiros Celestes, através de médiuns ou de mensagens consoladoras,
- ao infundirmos ânimo aos desesperançados,
- ao ampararmos os que se encontram à beira dos precipícios da loucura e do suicídio,
- ao pacificarmos os rancorosos e os vingativos,
- ao exercermos a tolerância com os desequilibrados. . .

A caridade estará em nós. Mostra-se em nosso comportamento, em nossa atitude perante encarnados e desencarnados, vivendo princípios genuinamente cristãos, num mundo que ainda recalitra contra as normas renovadoras do Evangelho de Jesus.

O médium deve ensiná-la pelo exemplo. Vanguardheiro da Luz do Mundo Novo, há-de revelá-la em todas as circunstâncias de sua vida, vivendo um clima espiritual nobilitante e induzindo, por seu exemplo, a que outros esposam os seus ideais e iniciem a sua própria transformação espiritual.

Não confundir-se jamais, julgando que caridade seja o simples frequentar de reuniões de doutrinação de Espíritos infelizes. É bem verdade que no contato com a Espiritualidade, poderemos oferecer a alma em favor dos que sofrem as duras penas de seus enganos.

No entanto, partindo do círculo em que nos congregamos na comunhão espiritual, teremos de projetar a luz do amor para toda a nossa Humanidade. Não há mediunidade cristã, sem caridade.

23- GUIA ESPIRITUAL

Temos todos um guia espiritual. É um Espírito que se encontra um pouco acima de nosso grau de evolução intelectual e moral e que toma para si o encargo de orientar-nos na caminhada terrena, procurando ajustar-nos e manter-nos dentro do plano que a Espiritualidade Superior traçou para nossa aprendizagem.

Todas as religiões o assinalam. Umam chamam de gênios protetores. Outras de anjos guardiões. Ouvíamos assim a própria intuição de que o Pai não nos entregava numa perigosa jornada sem que nos confiasse uma voz interior, viva e lúcida, que nos pudesse alertar sobre os obstáculos da vida e que nos indicasse os comportamentos retos e salutares.

Esse guia espiritual, que nos segue em todos os lances, participa das alegrias de nossas vitórias espirituais e se entristece com as nossas fraquezas e derrotas — porém, continua sempre inabalável em seu posto de guardião, ajudando-nos nos reerguimentos após cada queda experimentada.

À noite, ou nos momentos de nossas angústias ou desalentos, nada mais benéfico que confabular com ele, no silêncio de nossa consciência, e procurar ouvi-lo através das informações generosas que faz fluir ao cérebro na forma de pensamentos novos e que não se articularam pelos nossos esforços.

É a ideia que não tínhamos tido. É a solução que não havíamos pensado. É a coragem que nos visita, renovando-nos a disposição de soerguer-nos, mesmo que todos nos acusem e nos ironizem, e começar de novo todas as nossas experiências.

Convém ao médium estabelecer uma distinção. Um é o seu guia espiritual.

Outro é o seu orientador mediúnico.

O guia espiritual acompanhará o nosso exercício mediúnico e as nossas uniões com a espiritualidade a todos os instantes de nossa atual existência, sem que ignore um só dos acontecimentos a que nos liguemos e sem que ignore um só de nossos pensamentos.

Seguirá todos os lances de nossa evolução e dificilmente se tornará conhecido nosso no curso de nossos dias, já que nos dá assistência sem que lhe registremos ostensivamente a presença para que não nos embaracemos nas resoluções que serão nossas.

O orientador mediúnico é obreiro especializado. Só estará presente em dia e hora predeterminada, trazendo a tarefa específica de concatenar a fenomenologia no rumo com o qual colaboremos e com o colorido que lhe emprestemos.

Nem sempre, pois, estará junto de nós e, por tal, torna-se improdutiva a evocação indisciplinada de sua presença ou de sua colaboração, porque

num maior período de tempo estará desenvolvendo tarefas adicionais ao nosso trabalho, inclusive estabelecendo contato no umbral e nos Planos Elevados para as lições apropriadas às nossas reuniões mediúnicas.

O orientador mediúnico restringe-se à mediunidade.

O guia espiritual abarca toda a nossa vida.

O orientador mediúnico, por vezes, poderá ser permutado, em função de nossas preferências infelizes, até por obsessores ou Espíritos menos responsáveis que nos conduzirão a completar o aviltamento mediúnico.

O guia espiritual, anônimo e humilde, será sempre o mesmo, do berço ao Além e, muitas vezes, no curso de repetidas e repetidas encarnações, amparando-nos onde estivermos e na situação em que nos encontrarmos.

Procuremos ouvi-lo sempre.

24- ORIENTADOR MEDIÚNICO

Sendo o fenômeno mediúnicamente dependente da ação e da colaboração dos Espíritos e o médium um agente do intercâmbio, justo que se coloque, ao lado do mediador encarnado, um Espírito que lhe dirija as relações e a intercomunicação.

Esse Espírito é o orientador mediúnicamente. Mas, cabe uma advertência.

A Espiritualidade Superior objetiva que nos tornemos conscientes e responsáveis por todos os nossos atos, a fim de que pratiquemos o Bem com pleno conhecimento de causa, evitando que enveredemos pelos caminhos do Mal por ignorância.

Para despertar-nos, precisa colocar-nos junto ao Mal, porque aí é que exercitaremos as nossas virtudes. Também em relação ao orientador da mediunidade sobrevive tal mecanismo.

Assim é que, com anuência de nossos orientadores, alguns amigos invisíveis em situação infeliz e que se atrelaram ao carro de nossa existência, por vezes tomam a roupagem de orientadores, procurando confundir-nos em nossos ensaios de libertação espiritual e de trabalho na Seara de Jesus.

Outra coisa não são os Espíritos pseudo-sábios. Diferente não agem os nossos desafetos de outrora. Ansiosamente buscam tal posto, os galhofeiros. Essa posição procuram os inimigos do Espiritismo.

Cabe-nos, por tal razão, e até que amadureçamos o nosso entendimento e as nossas relações com aqueles que se apresentam por orientadores mediúnicos, vigiarmos permanentemente os conselhos que eles nos transmitem e medi-los com os princípios compendiados por Allan Kardec e comentados e pormenorizados pelos Espíritos que se utilizam da mediunidade de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.

Algumas orientações poderão chocar-se de modo sutil ou, então, estrepitosamente com os postulados Doutrinários e, quando tal se der, não importa se o Espírito se afirme nosso orientador ou não e nem o nome desconhecido ou conhecido que traga: deveremos rejeitá-las.

Se nos colhermos assediados por tais manobras, muito úteis e importantes no curso de amadurecimento do senso-moral de todos, roguemos ao nosso guia espiritual que nos ajude e busquemos os conselhos e as opiniões de outros companheiros do Ideal, demonstrando que realmente somos criaturas interessadas em alistar-nos entre os trabalhadores do Consolador Prometido.

Nossos orientadores nem sempre são os mesmos. Já mencionamos a necessidade da especialização. Não tendo os Espíritos todo o conhecimento e nem dominando com facilidade todas as Leis e sendo os bons realmente humildes e não presumidos a enciclopédicas criaturas — nas tarefas diferentes eles se substituem.

Um orientará o médium nos passes.

Outro cuidará de fenômenos físicos.

Aquele se encarregará de nortear as curas espirituais. . .

Para cada objetivo definido, sempre um Espírito inteirado desse objetivo e que conheça os caminhos a percorrer, as providências a tomar, os obstáculos a vencer, tomará para si o encargo.

E aceitando a sua própria limitação, concordam em que outros orientadores espirituais sejam convocados para desenvolver tarefas diferentes. Tomemos, a exemplo, a mediunidade de Chico Xavier. De início quem o orientava era sua mãe.

Quando se ajustou para a magna tarefa de difusão Doutrinária, atapetando-nos o coração para a presença religiosa de Jesus em nossos Templos de fé, seu mentor se tornou Emmanuel. No receituário, trabalha Bezerra de Menezes.

Em alguns efeitos físicos, o Espírito de Scheilla. Em reuniões de cunho científico, André Luiz. Nessa permuta está o trabalho de equipe. Ninguém age isoladamente.

A obra do Consolador pertence à Falange do Espírito da Verdade, luminosamente orientada por Jesus, e por todos aspirarem o Bem comum não lhes dói renunciar o papel de enciclopédia universal e consagrar a colaboração como o bem maior de nossa Vida.

25- EXERCÍCIO MEDIÚNICO

Os Templos de nossa fé são visitados por:

- os que sentirão brotar em si, a seu mau grado, a influência espiritual de Espíritos galhofeiros ou perturbados que se tornam os instrumentos do despertar de muitos para as suas necessidades psíquicas;
- os que aspiram por uma orientação mais clara, no campo religioso, que atendem a um impulso interior, oriundo de existências passadas unidas à Espiritualidade Maior. São candidatos à educação Doutrinária.

Neles a mediunidade poderá ter desabrochado naturalmente, independentemente de qualquer controle e tendo o mediano inexperiente problemas para conduzir-se — tal como acontece aos frutos silvestres que germinam, florescem e sazonom nativamente.

Essa ocorrência apenas enaltece a naturalidade da fenomenologia que se não organiza apenas em nossos Templos, mas é um sentido comum no homem.

Sob a bênção do Cristianismo-Redivivo, porém, a mediunidade se torna um meio nobre para atingir um fim nobre: a reforma moral de nossa Humanidade, através do contato permanente com a Espiritualidade Maior que programa serviços a benefício de todos os sofredores.

É tal qual a medicina. Uns poderão comercializá-la. Muitos, contudo, exercerão o sacerdócio da saúde.

* * *

Sempre a mediunidade nobre pede disciplina. É um condicionamento do médium às Leis Espirituais.

O orientador da sessão de desenvolvimento mediúnico, pois, deverá ter muito tato para cuidar da germinação das faculdades, compreendendo que cada novo companheiro que aporta ao Templo Espírita traz uma forma de pensar, um modo de agir, um sentimento diverso, um ideal e até uma aspiração muito diferente do outro.

Cada um deles se encontra ajustado à sua própria onda mental e tem uma necessidade evolutiva e um plano de trabalho individuais.

Contudo, ali estão todos para cederem um pouco de si mesmos, renunciarem muito de seus pontos-de-vista, reunindo-se aos princípios codificados da Doutrina Espírita — objetivo que se deve tornar comum de todos nós. Deverão ser tratados individualmente.

Os ensinamentos gerais deverão ser apresentados de uma forma clara para que todos possam absorvê-los no degrau mental em que se encontram.

Mas, nem todos reagirão e nem produzirão dentro de um padrão único, uniforme, porque cada um deles tomará para si apenas o suficiente para o seu problema ou o seu interesse pessoal.

Estarão agrupados para o desenvolvimento e poderão ser instruídos, além do que - já anotamos em:

- concentração,
- necessidade da oração,
- auto domínio,
- vigilância dos gestos,
- vigilância das palavras,
- vigilância dos pensamentos,
- dúvida e hesitação,
- o medo,
- interferência mediúnicamente,
- alimentação e tóxicos.

No decorrer dos exercícios, não olvidemos jamais de enaltecer, a todos os instantes, que a mediunidade pode ter-lhes sido a chave para abrir o seu coração para a Doutrina, mas que ela não é tudo em Doutrina.

É apenas e tão unicamente um dos meios de sermos convocados à Seara do Senhor, num dos campos de trabalho.

Com tal cuidado, revelador de nosso amor à Verdade e ao Bem, descortinaremos mais amplos horizontes aos novos seareiros que se sentirão libertos para unirem-se aos postulados Doutrinários acima dos fenômenos.

I- CONCENTRAÇÃO

Concentrar é reunir.

No vocabulário Espírita-Cristão de nossas reuniões, concentrar é reunir vibrações saudáveis, equilibradas, que serão aplicadas pelos Mentores Espirituais a benefício de nossos irmãos necessitados, encarnados e desencarnados.

Contudo, ainda para uma considerável parcela dos frequentadores de nossos agrupamentos notadamente para aqueles que têm tido um diminuto contato com os estudos Doutrinários — é quase vão o apelo feito para a concentração.

Desconhecem o que seja efetivamente o ato de concentrar e, por isso, se restringem a cerrar os olhos, permitindo que os seus pensamentos tomem os canais habituais a que se condicionam.

Além de esclarecer a necessidade de pensamentos renovados em Jesus, o orientador do desenvolvimento deverá preferir o pedido mais objetivo: que façam uma oração silenciosa, situando seus pensamentos em torno de ideias edificantes, procurando dialogar com Jesus intimamente.

Essa prática todos conhecem. As vibrações magnéticas, então, serão mais intensas, porque todos farão o esforço de sustentar a própria mente, por alguns segundos que seja, em orações e ideias respeitáveis, colaborando para reunir os fluídos benéficos que os Instrutores desencarnados manipularão no socorro organizado.

Os benefícios de uma boa concentração todos conhecem. São bênçãos que terminaremos por recolher a nosso bem.

Há, todavia, e muito compreensivelmente, companheiros que não se habituaram a manter pensamentos uniformes ou que se encontram às voltas com graves problemas íntimos e para os quais a prece silenciosa se interrompe e eles se voltam ao reexame mental de sua situação aflitiva, criando obstáculos que impedem a colaboração necessária.

O orientador do desenvolvimento mediúnico, ciente da existência natural de tais problemas, procurará pôr todos à vontade, a fim de que se coloquem na assistência, se sentirem inabilitados, naquele dia, para o exercício mediúnico ou, então, poderá convidá-los a voltarem sua atenção para a leitura silenciosa que façam de alguma página de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” no tentame de recomposição interior. Esta medida última é a mais justa.

Auxilia-nos a vencer-nos a nós mesmos, gerando tranquilidade em nosso coração e nos prepara para alcançarmos condições de orar mesmo dentro das tormentas psíquicas que se formem em nosso interior.

Orando ou examinando-se interiormente ou lendo, estaremos emitindo radiações magnéticas equilibradas, colaborando na composição do meio-ambiente, da atmosfera apropriada para o intercâmbio experimental a que nos propusermos.

II- ORAÇÃO

A oração inicial é proferida pelo orientador em alta-voz.

Será simples e breve e, preferentemente, espontânea. Há, outros sim, necessidade de que os componentes da reunião prossigam no estado de oração silenciosa, após a prece de abertura, enquanto a Espiritualidade mobiliza os recursos do momento para o intercâmbio medianímico a que o grupo se proponha e para que os médiuns em exercício encontrem o indispensável apoio afetivo para o desabrochar de sua faculdade.

Observe-se, contudo, que ela seja silenciosa. Dispensa-se a continuidade de orações em alta-voz, após a de abertura, a fim de que todos os membros do agrupamento se exercitem na liberação natural de suas energias e para que não se habituem a acompanhar maquinalmente as palavras que os outros proferem ao se dirigirem ao Senhor.

Cada um deve orar do modo, que mais lhe faça sentido e, destacadamente, da maneira que lhe inspire maior confiança e mais segurança no trato com a espiritualidade. Mas, isso não significa que retorne a gestos externos ou comportamentos exóticos ou inusitados que traga de outras religiões.

Cada um deve sentir-se em renovação. Enquanto a criatura não atingiu a oração espontânea e não consegue organizá-la dentro de si mesmo, poderá recorrer às preces contidas em “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e aprender a orar, segundo as indicações compendiadas pelo mestre lionês, Allan Kardec.

Quem procura dispensar a oração, no desenvolvimento e nas demais reuniões doutrinárias do Espiritismo-cristão, não se encontra suficientemente equilibrado para o florescimento de sua faculdade psíquica no nível de servidor.

Nem a nossa vida diária, nem os nossos atos, nem a nossa intenção de jamais enganar-nos no cotidiano, podem substituir a oração. Somos falíveis e, amiúde, sintonizamos as nossas antenas mentais com a espiritualidade inferior até em momentos em que nos presumimos equilibrados.

Somente a oração nos supre as deficiências naturais de almas em evolução, trazendo-nos os benefícios de energias depuradas.

O médium Espírita é amigo da oração.

O candidato ao intercâmbio deve aprender a orar.

III- AUTO-DOMÍNIO

O médium é o dono de si mesmo. Cedendo a sua instrumentalidade orgânica para manifestação de irmãos do caminho, não deverá entregar-se totalmente à vontade do recém-vindo.

Cabe-lhe o dever de vigiar o seu organismo, vaso sagrado que recebeu por bênção do Céu no seu ingresso na escola terrena.

É quase natural que os inexperientes no trato com a Espiritualidade presumam que os Espíritos exerçam sobre eles total possessão ou domínio.

Essa observação é fruto da mediunidade empírica e destrambelhada que viram em tantos companheiros que se vangloriam de desconhecer a técnica mediúnica e serem, apesar da ignorância que alardeiam, médiuns naturais.

Cabe ao orientador do desenvolvimento encarecer que todo médium, para ser útil a encarnados e desencarnados, deve assumir o posto de enfermeiro espiritual dos comunicantes.

Na qualidade de enfermeiro não pode confiar-se aos desregramentos dos doentes mentais e físicos, a não ser pondo em risco a disciplina e a ordem hospitalar que devem existir em todas as reuniões sérias.

Eis, pois, o mais constante exercício do médium:

- auto domínio. Aprender a dominar-se a si mesmo; conter os gestos; disciplinar os impulsos; evitar os tiques nervosos e as convulsões; afastar o bocejamento contínuo e as batidas das mãos na mesa; manter-se sentado e tranquilo, evitando de reproduzir palavras impróprias e gestos indelicados; sentir a presença dos Espíritos sem se entregar ao pânico ou ao seu próprio destrambelhamento.

O médium é o único responsável por tais anormalidades. Ele deve e pode controlar-se. Como primeiros exercícios práticos, pois, deve concentrar-se, fazer oração silenciosa, aprendendo a não se submeter à vontade dos Espíritos, disciplinando-se para as tarefas que aguardam a sua contribuição.

Sem o auto domínio, numa reunião mediúnica onde tivéssemos quatro ou cinco medianeiros, logo veríamos estabelecida a desordem plena, com todos se confiando generosamente à vontade de todos os Espíritos e todos falando e conversando simultaneamente.

Veríamos ainda mais: médiuns sendo assediados e dominados pelos Espíritos em todos os lugares — nas suas residências, no serviço profissional, na direção de um veículo, nas ruas. . .

O desenvolvimento visa também essa correção. Sabemos que existem irmãos com precário controle de si mesmos e que nas simples aproximações de Espíritos desequilibrados prontamente se desequilibram.

Outros, quando tais Espíritos se encontram impedidos de adentrar o recinto das reuniões, emitem seus pensamentos por sobre todas as barreiras generosamente edificadas pela Espiritualidade Maior, ligando-se aos seus afins e reclamando-lhes a influenciação, muito embora verbalmente assegurem estar tentando a libertação.

Esses são mais necessitados ainda.

Precisam de ser amplamente esclarecidos e auxiliados para que se renovem e abandonem essas nefastas atitudes mentais, já que se candidatam ao ingresso na falange dos encarnados que trabalham pelo restabelecimento do cristianismo em sua pureza primitiva.

Médium controlado é promessa de sementeira.

IV- VIGILÂNCIA DOS GESTOS

O médium deve policiar os seus gestos.

A característica de que está sendo o medianeiro de um Espírito não se recolhe da sua agitação física, nem dos impulsos de erguer-se e movimentar-se ou nas suas gesticulações.

A presença do Espírito é assinalada pelas ideias que exprima, pela necessidade que externe, pela mensagem que transmita.

O médium educado doutrinariamente mantém-se controlado. Ele é dono de si mesmo. Empresta temporariamente a sua voz, às suas vibrações fluídicas, a sua atmosfera pessoal aos visitantes, vigiando atentamente a si mesmo para que nada em seu organismo sofra qualquer agitação prejudicial.

Sabe que o socorro organizado não deve promover distúrbios em seu próprio organismo. Um Espírito agitado, precisa do remédio da calma.

Ora, se o médium lhe reproduz integralmente a agitação física ou se deixa possuir pela sua enfermidade, estará aceitando a atmosfera viciada e enfermeira do comunicante como sua ou superior à sua e, conseqüentemente, ampliará de modo imensurável a angústia e o sofrimento daquele que se deixou conduzir ao socorro.

Examinemos a nossa própria vida comum. Se um homem colérico encontra outros que lhe reproduzam a cólera, essa enfermidade psíquica poderá desencadear-se envolvendo toda a coletividade, gerando males que só mesmo a Providência Divina pode interromper.

Se esse mesmo homem colérico, ao externar-se, entrar em contato com criaturas calmas, pacientes equilibradas, as ondas mentais de sua loucura transitória não se sustentarão e nem se propalarão, e logo mais ele se sentirá acalmado.

Se um enfermo detalha a sua própria enfermidade para criaturas que lhe retribuam com memorização de casos semelhantes e até mais deprimentes, ele se imantará a ondas ampliadas da doença e se deprimirá ainda mais.

Contudo, se quem lhe ouve o induz a resignar-se, evitando o hábito vicioso de tentar consolar pela narrativa de casos mais dolorosos — logo o enfermo se recomporá psiquicamente, desligando-se das próprias dores e candidatando-se ao reequilíbrio orgânico.

Com bom senso deve proceder o médium. Dar calma, aos Espíritos tresloucados. Abrandar os impulsivos. Pacificar os rancorosos. Transmitir resignação aos revoltados.

Jamais, portanto, deverá ocupar-se em reproduzir os gestos e as ameaças, o desejo de erguer-se e dominar, impondo-se aos circunstantes — porque o médium não deve jamais esquecer-se que a sua posição é a de um enfermeiro amigo e dedicado que tem no seu comportamento a primeira lição da Doutrina do Amor que deve destinar aos sofredores invisíveis.

V- VIGILÂNCIA DAS PALAVRAS

O médium é também o policial de sua língua.

Assim como não deve exercitar-se, quando externa a sua própria personalidade no cotidiano, em nenhuma palavra menos respeitosa para não ferir e nem tisonar o ambiente à que se ajusta na atual romagem terrena, não deve permitir que a sua língua se torne o instrumento ferino de irmãos dementados.

O Espírito poderá querer blasfemar, maldizer. Poderá querer ferir, denegrir. . .

Cabe ao médium, no entanto, a vigilância. As mesmas ponderações que alinhamos no capítulo anterior se aplicam neste.

Alguém habituado à maledicência ou às palavras torpes, só se reequilibrará pela lição de sentir-se obstado de manifestar-se descontroladamente. Tem grande valor essa lição da palavra.

O Espírito que se sente impedido de proferir afirmações levianas, recebe todo o influxo espiritual do médium e dos circunstantes no seu centro da fala e bendirá, um dia, aquele momento em que desejou gritar, injuriar, caluniar, maldizer e em que lhe não secundaram a manifestação.

Incorre em doloroso engano o médium que considera facilitar a manifestação do infeliz, sendo-lhe uma cópia até no colorido deprimente de suas manifestações.

Nos círculos de auxílio e orientação do Espiritismo-cristão, os amigos do Ideal não procuram tais sinais de grosseria de vocabulário do comunicante para confirmar a sua presença.

Ali todos sabem que a alma sobrevive; guardam certeza da mediunidade; conhecem das Leis Espirituais que regem o intercâmbio e não buscam quaisquer atos externos para edificar a própria fé.

A sua convicção se forma no calor do trabalho assistencial. O médium que secunde as manifestações destrambelhadas mostra-se tão enfermo quanto o próprio assistido e não está em condições atuais de assistir a outrem.

O orientador do desenvolvimento mediúnico dará ênfase a estas instruções, a fim de que aqueles que se confiam à sua diretriz e aos seus ensinamentos alcancem a indispensável formação de suas noções sobre o comportamento verbal do médium nos Templos de Espiritismo-cristão.

VI- VIGILÂNCIA DOS PENSAMENTOS

O homem, exteriormente, se faz conhecido:

- pela roupa que traja,
- pelos gestos com que se externa,
- pelos comportamentos que lhe sejam habituais,
- pelas palavras proferidas e ajustadas à sua cultura intelectual e ao seu padrão moral,
- pelas aspirações que afirma acalentar.

No entanto, somos realmente o que pensamos. Somente o próprio homem, e os espíritos que o acolitam no seu trânsito terreno, pode conhecer-se efetivamente, pelos objetivos que mentaliza e que nem sempre revela; pelos anseios que nutre e que nem sempre consegue realizar; pelas paixões que sustenta e que nem sempre as circunstâncias favorecem a sua exteriorização; pelas intenções por vezes não reveladas em seus gestos.

No atual estágio evolutivo da nossa Humanidade, há sempre um dualismo em cada personalidade: o homem externo, que todos conhecem, e o homem em si mesmo, em seu mundo íntimo, que só raramente se revela.

Raramente ele é integrado. Amiúde apenas uma parcela íntima da criatura chega ao exterior, comunicando-se com seus companheiros e familiares. A parte maior, e mais importante, fica retida no seu mundo íntimo, só tomando contato com o mundo externo quando a criatura é compelida a dar alguma coisa de si mesma.

E esse mundo interno é que cria as ações reais. O Espiritismo-cristão, reconhecendo a importância do mundo interior, que gera as atitudes externas, não se restringe a pregar nenhuma reforma superficial.

Não convida ninguém a envernizar-se com um falso colorido que não se ajusta às suas emanções mentais. O homem, diz a Doutrina Espírita, é o que pensa e não o que diz.

E sob tal verdade eterna deve empenhar-se na reforma íntima:

- reforma de atitudes,
- reforma de preferências,
- reforma de aspirações,
- reforma de tendências,
- reforma de pensamentos.

Sem essas mudanças interiores, tudo é ilusório.

Nada tem valor se não corresponder a um anseio íntimo:

- nem o comportamento físico,
- nem o sorriso nos lábios,
- nem os gestos aparentemente carinhosos,
- nem a caridade de fantasia,
- nem a fraternidade de superfície,
- nem o amor falso. . .

O pensamento é a nossa vida, a nossa personalidade permanente e, conseqüentemente, ele é que determina as nossas companhias espirituais. Se, conseqüentemente, não nos policiarmos interiormente, não nos modificarmos internamente para melhor, não sustentarmos um clima cristão — nenhuma técnica de intercâmbio virá produzir alterações na categoria de Espíritos que influenciarão os médiuns, buscando exteriorizar-se.

Desenvolver mediunidade é trocar de plano mental. É sair do terra-a-terra do cotidiano e do nosso habitual, procurando a Espiritualidade Superior para, sob a sua bênção, categorizar-nos a servidores daqueles que sofrem.

É natural, porém, que o orientador encarnado das reuniões de desenvolvimento mediúnicó não poderá medir o comportamento interior de cada novo médium.

Essa dificuldade não o forrará da obrigação de encarecer continuamente a importância que tem o pensamento comum, o pensamento de toda hora, na definição das companhias espirituais que elegemos para nós mesmos.

As ondas mentais que formam o clima espiritual da Terra e o clima individual de cada um de nós devem ser profundamente estudadas, a fim de que ninguém venha iludir-se com referência à sua posição nos quadros de aprendizagem de nossa Humanidade e para que nos compenetremos da urgência de nossa reforma íntima.

VII- DÚVIDA E HESITAÇÃO

Dúvida é ausência de confiança.

O médium que inicia o seu desenvolvimento, sob as luzes do Espiritismo-cristão, precisa de ser inteirado de que na atual fase evolutiva de nossa Humanidade, todos nós que transitamos pela Terra temos nossos momentos de dúvida e, por decorrência, de hesitação também.

Só se houvéssemos atingido pleno conhecimento das Leis Espirituais e sofrido a integração dessas mesmas Leis em nossa personalidade poderíamos operar com firmeza contínua e inabalável.

No entanto, por fruto de nosso degrau evolutivo diminuto, cotidianamente registramos a dúvida nascendo em nossa alma e sendo sufocada pelo raciocínio lógico que a Doutrina dos Espíritos nos oferece.

Desde os discípulos diletos de Jesus, todos, com exceção do Mestre, e sem que isso lhes diminua em nada os méritos naturais — hesitaram, titubearam e foram construindo a sua fé a pouco e pouco, sob o amparo do Sublime Amigo.

Devemos de tal inteirar-nos. A fé é conquista de milênios. Não deverá, pois, o médium iniciante espantar-se com as dúvidas que acordem em si.

Tão somente não deve entregar-se ao desvario mental de fazer da dúvida o seu estado permanente, ou por esnobismo ou por preguiça mental de refletir e analisar.

Nas suas primeiras manifestações deve permutar ideias sobre a sua insegurança interna, indagar, perquirir, questionar nobremente até que se sinta robustecido pelo auto esclarecimento atingido.

Em Espiritismo não há o: crê ou será indigno. A fé, sabemos todos, resultará de estudos e da moral.

Fazemos estas anotações porque muitos companheiros iniciantes, por ver o orientador externamente seguro, inabalável, julgam não possuir as suas condições de fé e, portanto, não se consideram suficientemente qualificados para o trabalho a que foram convocados.

Vale recordá-los da figura de um Paulo de Tarso e suas alternâncias, suas angústias íntimas. Um Simão Pedro construindo a sua fé sobre hesitações, pesares, repetidas reflexões.

Um Allan Kardec e suas batalhas íntimas no exame das mensagens recolhidas e que se destinavam a compor a Codificação Espírita. Repetidamente refaremos os mesmos trabalhos, retornaremos ao início das tarefas delineadas, reconhecendo que deixamos de alguns detalhes, de alguns pormenores, levados que fomos pela hesitação, pela dúvida que tivermos sobre a sua validade ou não.

Encareçamos, porém, que aceitamos a dúvida sã. Absolutamente não incluímos aí as negações esnobes ou os frutos da ignorância fantasiada de sabedoria ou a posição daqueles

que não desejam assumir a responsabilidade que lhes cabe nos quadros do Espiritismo-cristão.

Uma dose razoável de dúvida é sempre indispensável, a fim de que os nossos exames das comunicações espirituais não raiem pela credulidade fanática e malsã que induz muita gente a coar moscas e engolir elefantes no trato com a Espiritualidade.

Estes acreditavam que se testassem as mensagens transmitidas ou as recomendações espirituais, poderiam demonstrar uma falta de fé que os faria ridículos aos olhos de seus coidealistas e num paradoxo, ocorre exatamente o oposto: podem chegar ao ridículo justamente pela fé cega!

Que a dúvida, porém, não nos seja empeco.

Que não nos distanciemos no campo de trabalho apenas porque ainda não compreendemos ou não nos ajustamos a todas as tarefas em curso ou não tenhamos conseguido aceitar ou admitir determinados princípios.

Se houver sinceridade em nossa atitude, ou seja, se a nossa dúvida for construtiva, em tempo veremos a nossa convicção fortalecida pelo assenhoreamento do gênio do Cristianismo-Redivivo.

VIII- O MEDO

Há muitos que temem os Espíritos.

Por razões interiores, obscuras por vezes até à própria criatura, muitos de nossos irmãos de caminhada que se aproximam dos círculos luminosos do Espiritismo-cristão trazem e sustentam dentro de si uma espécie de temor pelas manifestações espirituais.

Alguns, por terem visto médiuns deseducados.

Outros, pelo jugo de seus perturbadores ou obsessores que encontram no medo o mais eficiente meio de ligação e amplo domínio das suas aparentes vítimas, por destrambelhar-lhes o campo magnético individual.

Raros, porém, admitirão tal receio. Preferirão afastar-se, sob alegações várias, a ter que confessar o seu temor pelos Espíritos ou pela mediunidade. E se forem abordados sobre o tema, não titubearão em afirmar que jamais temeram tais coisas.

O medo, contudo, existe esmagadoramente. É o fruto da ausência de esclarecimento Doutrinário.

A criatura ainda não sentiu a Espiritualidade como um dos departamentos normais da Vida, que coexiste conosco em todos os lugares e em todos os recantos, independentemente do registro que façamos ou não dessa realidade através do sexto sentido mediúnico.

Mas, não se afasta o temor com ironia. Nem com o sarcasmo. Menos ainda com fanfarronices e valentias tolas. E menos ainda com sermões!

Todos os candidatos à mediunidade devem ser inteirados de que a grande maioria dos encarnados, inclusive aqueles que afirmam crer na existência de espíritos, temem a sua ação e o seu contato em maior ou menor intensidade — enquanto não alcançam noções efetivas e claras sobre o tema.

À medida que dominam os postulados básicos da Doutrina Espírita irão se sentindo unidos aos Mentores da Vida Maior e, além desse contato salutar e renovador, irão descobrindo que a Espiritualidade é semelhante à nossa própria vida, regida por Leis imutáveis e sem nenhuma ocorrência imprevisível ou não controlável. Não é uma luta constante contra o receio.

É tão somente uma auto iluminação paulatina, uma despreocupação com as atuais fobias, uma desvinculação dos planos menos felizes do mundo espiritual, um domínio lento e sistemático dos princípios codificados por Allan Kardec — e o medo irá desaparecendo gradualmente, dia a dia, do mediano, quase sem que este se aperceba da sua renovação íntima.

Natural que para tal progressão tudo será graduado. Nada de deter-se em ângulos da Espiritualidade que possam apavorar os recém vindos, visando torná-los dependentes de nossas reuniões.

Nem pintar os panoramas do Além com as tintas negras de uma imaginação doentia. Nem enfileirar narrativas fantasmagóricas e falsas, qual se estivéssemos revivendo as histórias de “bicho papão” para disciplinar crianças através de condicioná-las a fobias incontáveis.

As lições serão serenas e naturais. Graduadas, desapressadas, indicando os livros nobres de nossa biblioteca Espírita, visando ajudá-los a crescer interiormente com segurança — os ensinamentos serão quase homeopáticos, fugindo da tumultuação da aprendizagem ou da intoxicação do informante com fábulas e tolices dispensáveis.

O laço de confiança do médium com o agrupamento que o acolhe fará a sua integração afetiva, permitindo-lhe reorganizar-se intimamente e reduzindo as suas fobias de modo admirável.

Por isso, o médium em desenvolvimento deve sentir-se amparado individualmente.

O medo é um sintoma de enfermidade psíquica comum.

Precisa de ser estudado e conhecido seriamente pelos orientadores do desenvolvimento mediúnico, por ser um dos males silenciosos que mais distancia as criaturas dos círculos respeitáveis do Espiritismo-cristão.

IX- INTERFERÊNCIA MEDIÚNICA

O Espírito depende do médium para externar-se.

Em razão, pois, de ceder-se a si mesmo, ou seja, ceder a sua personalidade, a sua bagagem de conhecimentos, as suas preferências, o seu vocabulário — por vezes o mediano poderá mesclar as informações que lhe chegam do Além com os elementos interiores que lhe pertencem.

É como um filtro em decomposição, que cede a sua própria estrutura à proporção que serve. A interferência mediúnica, contudo, nem sempre pode ser percebida a grosso-modo numa única comunicação e nem sempre as ideias que sejam transmitidas podem ser repudiadas simplesmente porque o médium as conheça ou as estime.

Teremos de recordar, neste capítulo, que pela lei de afinização fluídica, o Espírito para comunicar-se deve estar relativamente ajustado ao clima mental do médium e, em alguns casos não raros, essa afinização é tão grande que as ideias do Espírito se confundem com as do próprio médium.

No médium em desenvolvimento, para o qual faltam ainda a maleabilidade e a consciência maior da fenomenologia, o tema da interferência mediúnica soará de forma estranha.

Ainda lhe é impossível selecionar todos os pensamentos e distinguir com clareza quais os seus e quais os do comunicante e, frequentemente na fase inicial, repudia pensamentos dos Espíritos pensando que são seus.

Deveremos exercitá-lo nas transmissões.

Que perca a inibição e transmita todos os pensamentos e o orientador do desenvolvimento irá, após, estudá-los e procurar distingui-los e auxiliar o médium a encontrar os traços dos pensamentos alheios aos seus que se encontram na própria comunicação.

Essa prática não cria vícios. Sabemos todos, e isso deve ser destacado aqui, que as primeiras comunicações são ensaios elementares e que nenhuma dessas produções virá ter a público e nem servirá para nenhuma inovação doutrinária.

Elas são exercício puro e simples de uma faculdade que se estrutura naturalmente. Aprimora as radiações fluídicas. Permite uma exteriorização inicial de si mesmo e, posteriormente, o recambio das ideias que acolhe de outras personalidades do nosso universo.

Vamos tomar alguns exemplos concretos. Sabemos que um Waldo Vieira, nos primeiros anos de seu exercício mediúnico, embora suficientemente amadurecido por existências e experiências anteriores — psicografou milhares de páginas, assinadas pelos mais variados Espíritos, sem trazê-las jamais a público.

Faziam parte de sua afinização mediúnica, de seu burilamento na presente romagem. Também sabemos todos que Allan Kardec recolheu milhares de páginas para estudá-las e incorporá-las na codificação do Espiritismo e que escreveu e reescreveu as obras básicas, antes de trazê-las a lume.

Esses exercícios fazem parte do desenvolvimento. Não há médium que inicie o intercâmbio sem trabalho.

O seu aprimoramento, a sua afinização, a sua interligação com a Espiritualidade é uma etapa fundamental e nenhuma mensagem que se registre — embora com aparência brilhante — por um médium que iniciou o seu desenvolvimento, a sua disciplinação, terá mais valor do que a página rabiscada por um aluno primário em relação às vasadas por autênticos escritores.

No entanto, sem o primeiro ensaio, não há evolução.

Sem a redação rudimentar, não há escritor feito. A interferência mediúnica, na fase do desenvolvimento, não tem o caráter de ingerência do mediano.

É uma etapa natural, a sua impossibilidade de vigiar-se sem interferir; de ajudar, sem opinar; de ouvir, sem falar por sua vez.

Encorajemos os companheiros hesitantes, que se encontram às voltas com as interferências dos primeiros contatos, a que prossigam e estaremos fazendo o mesmo que aquele que decanta a água infecta para torná-la potável e poder dessedentar-se quando necessário.

X- ALIMENTAÇÃO E TÓXICOS

Nosso organismo é nosso Templo. Para colocá-lo a serviço do Mundo Maior, quer na posição de medianeiro de mensagens instrutivas, quer no socorro organizado a nossos irmãos infelizes, cabe-nos tê-lo em condições regulares de funcionamento e o mais possível saudável.

Alguém que transporte um fígado enfermo não está impedido, pela cronicidade da moléstia, de trabalhar, desde que faça o esforço de não provocar crises dolorosas em suas vísceras por desregramento de conduta.

Um companheiro atrofiado ou possuído de moléstia grave, não está inteiramente impossibilitado de exercer o seu ministério mediúnico, uma vez que envide esforços para minorar e não para agravar o seu mal.

Cuidemos, assim, da alimentação e dos tóxicos.

É bem verdade que uma língua ferina e maledicente torna impróprio um médium de organismo saudável.

Mas, as palavras disciplinadas e o coração amante do Bem rogam a vigília sobre o nosso organismo.

Notadamente nos dias de reuniões, os companheiros que formarão os círculos de ação fraterna e de ensaios respeitáveis de intercâmbio mediúnico deverão evitar:

- os pratos gordurosos; racionar a sua porção de carne;
- diminuir a quantia de café;
- reduzir os cigarros;
- evitar completamente o álcool e, dentro do possível, preferir um prato leve de sopa, uma ou duas horas antes da reunião, a uma refeição suculenta e de difícil digestão.

Nas suas orientações evangélicas ao povo, Jesus primeiro os esclarecia e só depois os alimentava. Era como um aviso que nos endereçava, por todos os tempos, prevenindo-nos de que as solicitações do estômago podem dificultar o trabalho do cérebro e originar dificuldades para relacionar-nos com almas nobres.

26- FICÇÃO FILOSÓFICA

Trazemos vícios seculares no uso da imaginação. Se examinarmos as nossas leituras preferenciais, ou nossas conversações habituais, iremos anotar uma parcela extraordinariamente grande de nosso tempo útil sendo utilizada na satisfação de nossas fantasias interiores.

Vivemos imaginariamente num mundo perfeito. Naquele nosso mundo perfeito, projetado pela força de nossa imaginação, todas as criaturas agiriam segundo os nossos padrões de comportamento, ajustando-se às nossas preferências habituais.

Os Governos seriam feitos pelo que ditássemos como o certo. As resoluções seriam moldadas, segundo as nossas medidas. Os componentes dessa Sociedade imaginária seriam um alongamento de nós mesmos.

É o sonho de um mundo melhor, sem esforço nosso. Nessa engenhosa aventura nos labirintos de nossa imaginação, que se distancia da realidade espiritual, detemo-nos improdutivamente, desajustando-nos com aqueles que necessitam de nosso trabalho, de nossa tolerância, de nossa paciência, de nosso amor.

Fundamentando-se nessa aspiração íntima e pessoal, muitos Espíritos voltam do Além para sustentar a ociosidade psíquica que nutrimos e trazem fórmulas exóticas que correspondem exatamente às soluções utópicas que desejamos emprestar aos problemas naturais de nossa Humanidade.

Eles se detêm nas lamentações estéreis que alimentamos e dramatizam a apresentação de humanidades felizes, que agem dentro de padrões maravilhosos e fantásticos. Fingem estar dilatando nossos horizontes.

No fundo, porém, estão dando à Vida a nossa interpretação inusitada e extravagante. Alguns desses Espíritos, inclusive, não titubeiam em fazer citações truncadas ou unilaterais da codificação Espírita ou de mencionar o nome de alguns de seus pioneiros para ganhar a nossa confiança e assegurar-se de que semearão a ilusão a quantos desejam iludir-se.

São mestres da literatura de ficção filosófica.

Sobre a existência da ficção filosófica, da fantasia imaginativa de mundos distantes, por parte de Espíritos interessados em conservar os homens imantados às suas projeções mentais doentias — deve o orientador do desenvolvimento mediúnico instruir os médiuns e os próprios Espíritos que procurem a manifestação em seu meio na tentativa de criar choques ou transviar o agrupamento em contos levianos e disparatados.

Por vezes são maliciosos e açulam a nossa vaidade:

— Nem tudo lhes foi dito. A vocês, porém, posso falar com intimidade, porque me compreenderão!

— O que lhes trago, muitos repudiarão! Por essas e outras insinuações que ampliam a nossa vaidade e aguçam os nossos ouvidos — qual se autênticos segredos nos devessem ser confiados — Espíritos malfazejos ou pseudo-filósofos iniciam o ditado ou a exposição de suas prédicas, que mais não são do que sistemas pessoais, interpretações errôneas ou maliciosamente truncadas da realidade espiritual.

Meçamos as comunicações com as obras de Kardec.

O que estiver em desacordo, ou meio desacordo apenas, com aqueles princípios, rejeitemos como uma das mentiras que se organizam para obstar o nosso avanço em direção de Jesus. E não temamos estar perdendo alguma verdade.

A verdade em si é eterna e preferível será rejeitar uma de suas parcelas, se permanecermos em dúvidas quanto à sua validade, a nos repletarmos da filosofia de cordel das imaginações viciadas e doentias.

27- FICÇÃO CIENTÍFICA

No campo das ficções, além da filosófica, outra existe que polariza maior contingente de imaginações enfermigas ou infantis e que sustenta uma literatura própria de grande circulação, afirmando o desvio de mentes: a ficção científica.

Pela mediunidade, alguns Espíritos galhofeiros ou pseudo-sábios, lançam também mãos de temas delicados tais os discos voadores, as guerras entre nações, o ocaso de grandes civilizações, as convulsões geológicas, as transformações do globo terráqueo, as intuições de civilizações antigas, as afirmativas genéricas de vida em outros planetas e, com esses elementos básicos, entretecem enredos atraentes quais se fossem revelações de alguma seriedade.

O médium que ignore os postulados Doutrinários poderá encantar-se de ser o intermediário dessas narrativas extraordinárias e, ou pela sua ignorância ou pela sua vaidade, contribuir em propagá-las como apêndice ou avanços Doutrinários do Espiritismo.

E farão estagiar nesses labirintos fantásticos muitos de seus irmãos de caminhada, sustando-lhes o próprio progresso pelo aviltamento de suas faculdades intelectivas. Precatemo-nos com relatos extra terrenos.

Qualquer produção mediúnica no gênero deverá ser conduzida a companheiros que conheçam efetivamente a Doutrina e que não sejam os perplexos que com tudo se encantam.

E o médium que assim agir logo se compenetrará de estar sendo assediado por Espíritos que se ocupam em embaraçar a marcha evolutiva das criaturas matriculadas na escola da carne, dos quais cumpre desembaraçar-se.

Hoje, muitos tentam construir ninho na árvore do Espiritismo, ensaiando repetir com a nossa Doutrina o mesmo aviltamento perpetrado contra o cristianismo em seus primeiros séculos de contato com nossa Humanidade.

E utilizam os recursos que encontram nas próprias criaturas infantilizadas espiritualmente e ainda não destras no trato com o Invisível. Espiritismo não é palco de fantasias.

Nem as fantasias engendradas em linguagem grosseira, nem as vestidas em linguagem pseudo-sábua, nem as veladas em símbolos quais se fossem segredos que os séculos confirmarão e que rogam pela nossa vaidade para ter apoio na Terra.

Espiritismo é Ciência do Espírito. O que não puder ser medido, analisado, ponderado, mensurado, dentro da sistemática da Ciência Espírita e segundo os seus métodos de exame e que se ajuste às Leis já consagradas nestes cem anos de vivência entre os homens — não pode ser tido a conta de nenhuma revelação útil.

Espiritismo não é sequência de sonhos e ilusões.

É Religião dos Espíritos de Jesus.

Aquele que assumir o cargo de orientação do desenvolvimento mediúnico procurará aplicar, naqueles que se confiam às suas ponderações, a vacina do raciocínio e da lógica contra essas tentativas de deturpação Doutrinária.

Porá seus tutelados de sobreaviso contra essas investidas da espiritualidade infeliz, procurando torná-los vanguardeiros da iluminação íntima e prelibando a felicidade permanente que cada um conquistará com o reequilíbrio de sua própria imaginação.

28- FICÇÃO RELIGIOSA

O sentimento religioso é inato nas criaturas.

Somente à força de paixões nutridas em almas que se desequilibram psiquicamente, numa das fases de seu crescimento normal, é que o senso de religião aparentemente esmaece no curso de uma existência, para reabrir-se luminoso nas porvindouras ou no chamado ocaso de seus dias na atual romagem.

Normalmente, somos religiosos por natureza. No entanto, por ser um sentimento natural e por relacionar-se com os departamentos invisíveis da Humanidade terrena, a religião tem sido campo de exploração e aviltamento de homens e de Espíritos compromissados com as Sombras, em virtude de seu grande egoísmo e de seu profundo orgulho.

Esses, utilizam a tendência religiosa espontânea e indisciplinada ainda na criatura, unindo-a ao colorido de imaginações enfermigas e organizam os mais extravagantes princípios ou lançam mãos de rituais para manter os homens no estado de hipnose do seu senso-moral para conservá-los escravos de si mesmos e de seus vícios.

O Espiritismo veio espancar essas distorções. Restabelece a Religião em seu sentido universal. Dá-lhe a energia da ciência e o equilíbrio da filosofia, revivendo o Cristianismo em toda a sua pureza libertadora das almas.

No entanto, Espíritos há que se utilizam de medianeiros desavisados para ditar exóticos modismos religiosos, que mais não são do que velhos chavões:

- voltar as atenções para a alimentação;
- estabelecer narrativas de civilizações de outros planetas, com religião perfeita;
- introdução disfarçada de rituais de casamentos, batizados, simulacros de iniciações;
- criação de roupagens e paramentos;
- volta aos fetichismos, afirmando poderes miraculosos em algumas plantas, em alguns amuletos, reacordando temor pelo feitiço, que justificam com palavras novas. . . São aberrações e anormalidades.

Cabe-nos respeitar todas as religiões e todos os cultos, todas as crenças e todos os sistemas, inclusive aqueles que possam parecer muito semelhantes a alguns de nossos princípios.

Não deveremos, porém, absorvê-los ou deter-nos nas atraentes narrativas dos faquires, dos poderes extranormais, da força de Espíritos, do poder de bentinhos e patuás, da introdução de roupas especiais, do poder magnético de algumas plantas, da sujeição aos símbolos, da influenciação determinante dos signos zodiacais.

Quase todos esses elementos são rescaldos de seitas religiosas em franco declínio, que Espíritos umbralinos tentam transferir para a Doutrina dos Espíritos e pervertê-la para

transfigurá-la num quadro de credices e ficção religiosa, em que se habituaram e dentro dos quais manobram os seus profitentes.

Religião é sublimação em Jesus. E o único caminho para realizá-la divinamente em nós é a reforma íntima; é o nosso reajuste espiritual na síntese de todas as Leis Divinas:

— Que vos ameis uns aos outros. É toda a Lei. E é toda a medida para analisar, com visão ampla e permanente, o poder que unificará todos os homens numa única família, com afastamento de todas as adições, de todas as veredas fantasiosas, de todos os exotismos.

Examinemos, portanto, a codificação kardequiana. Ela ainda é uma desconhecida para nós. Seus ensinamentos são claros e límpidos. Temos nela um século de confirmações.

Nenhuma vírgula se lhe alterou para menos ou para mais. Poderemos compreendê-la e se não a realizamos ainda, isso não se deve à sua falta de clareza nem à sua inconsistência de base: nós é que não movimentamos ainda a nossa vontade para a exemplificação de seus ensinamentos em nós mesmos.

Combatamos o bom combate.

Combatamos sem tréguas as ficções religiosas que tentem justapor-se ou entremear-se em nossos meios Doutrinários — dando mais vida ao Cristianismo Redivivo.

E afastemo-nos de vez da fascinação usual por irmãos infelizes que se vestem de reveladores ou grandes iniciados, de sacerdotes ou místicos, de mestres ou missionários, procurando sob a capa de respeitáveis títulos induzir-nos a secundar-lhes a obra de destrambelhamento da luz que lhes revela os redutos e os desnuda em suas loucuras seculares.

29- ANIMISMO E COMUNICAÇÕES

O fenômeno anímico existe.

Não é tão comum, quanto se julga a priori, mas há circunstâncias várias, quase todas organizadas pela Espiritualidade, em que os médiuns se desprendem de seu corpo físico e alcançam uma visão mais integrada de sua própria personalidade ou, menos raro, reentram na posse transitória de sua bagagem cultural anterior, e transmite uma mensagem aos círculos de estudos do Espiritismo-cristão.

A ocorrência, porém, é complexa. E não poderemos, pela própria natureza do fenômeno, baseados em conhecimentos rudimentares da tese anímica, julgar que os medianeiros principiantes pelo fato de transmitirem comunicações muito semelhantes ao seu modo de pensar e agir estejam ou devam estar imersos num transe anímico e, por tal fato, devam ser admoestados ou advertidos.

As primeiras comunicações, via de regra, pela própria Lei de afinidade que leva o novel medianeiro a relacionar-se apenas com os Espíritos que lhe são afins, podem trazer um cunho aparentemente pessoal, impregnadas de pensamentos que podem ser confundidos com os do médium, porque o Espírito comunicante é igual ao próprio médium.

Não é, porém, animismo. É clima mental identificado entre medianeiro e visitante. O orientador do desenvolvimento, ante essas ocorrências, permitirá que o entrelaçamento prossiga normal e irá observando que, no decorrer dos meses, a diferenciação começa a se estabelecer, à medida que os Espíritos variam.

Crescendo espiritualmente e tornando maleável o seu clima mental, os Mensageiros Celestes irão pondo em contato com o medianeiro outros irmãos do caminho que poderão, ajustados ao médium, servir-se do mesmo para externar-se.

Dar muito ênfase à tese anímica é atrofiar serviços.

Contudo, quando o médium se revela improdutivo, quando as suas mensagens não saem do intercâmbio elementar, permanecendo com sua faculdade estacionária ou embrionária sem possibilitar uma amplitude de ação assistencial — deverá ele ser convidado, com muito tato psicológico, a dedicar-se mais a outras nobilitantes tarefas que já terá iniciado como parte do seu programa de desenvolvimento:

- a do passe curativo;
- a da explicação dos princípios Espíritas,
- a da orientação de leitura,
- a da fundação e supervisão de Cultos do Evangelho no lar,
- a da atenção aos enfermos,
- a da educação da infância na Doutrina Espírita...

Esses setores extraordinários e encantadores de nossa Doutrina por vezes estão desguarnecidos, porque muitos dos que vieram para desempenhá-los permanecem reunidos em torno da fenomenologia e olvidam a sua real mediunidade, que é a de executar tarefas que pedem dedicação e paciência, amor e persistência.

30- MISTIFICAÇÕES

Existe a mistificação realmente. Inclusive nos círculos bem orientados e bem intencionados, que estudam os princípios da Doutrina e procuram ajustar-se na Seara do Senhor, o fenômeno do Espírito enganador, fingido, mentiroso, que se apresenta com aparência do que não é — existe.

Faz parte do aprendizado normal de todos. A matemática, no currículo escolar, após conhecida em teoremas e regras, será levada aos alunos em forma de problemas e exercícios a serem resolvidos ou equacionados, a fim de adestrá-los e possibilitar-lhes o domínio do gênio da ciência exata.

No ensino das línguas também. Além da aprendizagem mecânica de regras e suas aplicações, chega o momento em que seremos impelidos a exercitá-las ao vivo, encontrando-nos com as suas criações transitórias e as suas questões intrincadas e que nos pedem a atividade do raciocínio e não da simples enunciação das receitas que recolhemos nos compêndios respeitáveis.

Após assenhorar-se das fórmulas e processos, das leis e das conquistas firmadas no campo da química, o aluno será introduzido nas salas experimentais para testar, na prática, as diversas combinações de elementos que tenha incorporado em sua bagagem cultural.

Em qualquer setor de aprendizagem que se examine vamos encontrar o processo do treino, do exercício, da solução de problemas e questões, como a dinâmica da assimilação de princípios para maturidade do aluno.

Se a tal não se submeter, poderá ter a memória ilustrada sem, no entanto, poder organizar um mínimo de raciocínio.

O mesmo princípio se aplica em mediunidade. Um dos problemas vivos, um dos treinos comuns, está na mistificação de Espíritos, que virão se apropriar dos médiuns para tentar engodar-nos em suas artimanhas, umas sutis e outras mais grosseiras — e é a Lei Natural despertando a nossa acuidade moral.

Não há, pois, nenhum demérito na mistificação em si. Só se ressentir e se magoa em identificá-la presente no agrupamento de que participa ou dirige aqueles que se presumam virtuosos demais, acima da condição média normal das criaturas humanas.

Esses se sensibilizam doentamente com a bênção do obstáculo que se lhes oferece. E, por oposição mesmo, são aqueles que mais precisam de ser mistificados, de ser enganados, até que atinjam a fase da humildade cristã, que nos faz reconhecer-nos tais quais somos interiormente.

Acolherão muita mistificação como verdades incontestáveis e repudiarão muita verdade, como mistificação, até que se lhes dobre o orgulho que os domina.

O médium iniciante deve ser inteirado, por sua vez, que não lhe cabendo o mérito das mensagens elevadas, orientadoras, também não lhe toca a culpa da manifestação enfermiça de um Espírito galhofeiro.

A sua posição de intermediário da Espiritualidade exigirá que ora seja porta-voz das Esferas Celestes, ora seja enfermeiro carinhoso amparando aqueles que ainda se encontram prisioneiros de terríveis enganos e do aviltamento de si mesmos.

Ouvirá, portanto, as anotações verbais em torno das comunicações que transmitiu, sem se ressentir e habituando-se desde cedo a vê-las analisadas sob os prismas da Doutrina Espírita.

A suscetibilidade enfermiça em muitos médiuns pode ser fruto de que na sua fase de desenvolvimento foi deficientemente orientado ou lhe atribuíam valores que lhe não pertenciam.

E, nas primeiras referências que se façam às comunicações transmitidas por seu meio, pode tomar para si a crítica e não aos Espíritos que se comunicaram.

- a chegar ao local da reunião em cima da hora;
- a sentar-se em torno da mesa como se cumprisse um dever religioso sacrificial;
- a não analisar a mensagem de que foi intermediário;
- a considerar que tudo que vem dos Espíritos é certo;
- a retirar-se da reunião no minuto seguinte ao seu encerramento;
- a jamais retornar ao exame das reuniões anteriores;
- a não estudar a Doutrina. . .

E esses detalhes são traços psíquicos. Deveremos empenhar-nos, nas reuniões de desenvolvimento, a cuidar mais efetivamente dos médiuns, que são o objetivo real do agrupamento e que ali se encontram para ganhar noções da Doutrina e do mecanismo da mediunidade.

Veremos, então que:

- a mistificação se torna convite ao exercício,
- o obsessivo é indução à reforma íntima,
- o perturbador nos fará organizar o socorro.

31- MENSAGENS DUPLICADAS

Eis outra questão a rogar-nos cuidados:

- mensagens duplicadas.

Compreende-se por mensagem duplicada a reprodução consciente ou inconsciente de comunicações psicofônicas ou psicográficas já transmitidas, na mesma língua e no mesmo País, por outros medianeiros.

Observemos a diferença que existe com a universalização.

A universalização das comunicações Espíritas, anunciada pelo próprio Allan Kardec, consiste em que mensagens iguais, com o mesmo conteúdo, embora em estilo ou língua diferentes, sejam transmitidas simultaneamente em vários pontos geográficos de nosso Mundo e através de médiuns que não se conhecem ou não se comunicam entre si, e que venham a lume ao mesmo tempo — confirmando que no mesmo dia, no mesmo mês, no mesmo ano, Espíritos diferentes ou o mesmo Espírito, abordaram o mesmo assunto, ensinaram o mesmo princípio, transmitiram as mesmas diretrizes aqui no Brasil, na Argentina, na Inglaterra ou em qualquer ponto de nosso globo.

A confluência dessas comunicações, que chegaram a público ao mesmo tempo, antes que um dos médiuns tomasse conhecimento da produção colhida pelos outros, é uma comprovação de terem sido ditadas por Espíritos, restando tão somente examiná-las em seu conteúdo para aceitá-las ou rejeitá-las.

No entanto, quando as mensagens já publicadas, já largamente difundidas, já amplamente divulgadas, passam a ser repetidas por outros médiuns, encontramos-nos frente ao fenômeno da duplicação.

Por vezes essa duplicação é acidental e decorre mesmo das Falanges Espirituais que supervisionam o desenvolvimento de nossa Doutrina na transmissão de instruções aos componentes dos agrupamentos e permanecem circunscritas geograficamente aos que as ouviram. Algumas ocasiões, contudo, são transladadas ao público.

São difundidas, paralelamente às originais e, não raro, aceitas por legítimas exatamente por serem iguais ou muito iguais às comunicações já de tantos anos propaladas. Por que essa duplicação e essa insistência de fazer-se pública?

Eis, entre outros, dois motivos ponderáveis:

1. A vaidade de muitos de nós, que não nos satisfazemos em ser o que somos e desejamos ocupar de imediato, sem renúncia e sem disciplina, a posição externa daqueles que, através de múltiplas encarnações de aprendizagem e aprimoramento, alcançaram a posição de mais diretos colaboradores do Consolador de Jesus.

2. A opressão das Sombras, que se tendo utilizado em vão da ficção filosófica, da ficção científica e da ficção religiosa para retardar o avanço do Cristianismo, pretende se

ajustar de permeio à coletividade Espírita-cristã, visando desacreditar a mediunidade como pedra angular do Reino de Deus entre os homens.

O tema não comporta ilusões.

Cabe ao orientador do desenvolvimento mediúnico, incumbido de aplainar as arestas dos que se iniciam nos trabalhos do Consolador, esclarecer sobre a inoportunidade de difundir, pelos órgãos ou meios de propagação do Espiritismo, as mensagens duplicadas — que são aquelas que sabemos ter lido ou ouvido um dia.

32- COMPONENTES DA REUNIÃO

Ser humilde não é fugir de responsabilidades.

Quem colabora nos quadros do Espiritismo-cristão, embora insistentemente convidado a fazer-se humilde e pleno de amor por todos os seus semelhantes, não está, por isso, intimado ou mesmo sendo induzido a abandonar os postos de orientação e serviço a que sejam convocados, sob alegação de serem muito pequeninos e muito inferiores para o trabalho de vanguarda.

Essa atitude é de falsa humildade.

Querer ser último, garantindo-se de ser o primeiro, é uma repetição do egoísmo dos religiosos hindus que, mal interpretando as Leis da Espiritualidade, chegam aos mais extremados e condenáveis auto sacrifícios físicos para salvarem-se a si mesmos, despreocupados da regeneração de seus demais companheiros de caminhada terrena.

É prática do cilício, com fuga da realidade. Humildade é renúncia de maus hábitos mentais. É o nosso renascimento junto à Doutrina dos Espíritos pela renovação de nossos conceitos sobre a vida e sobre a Humanidade, sobre os nossos pendores habituais e viciosos e sobre os nossos anseios íntimos.

E um dos primeiros reflexos dessa transformação está, justamente, em nossa dedicação aos que sofrem ou que urgem por nossos serviços para o seu reequilíbrio. Cada componente da reunião deve ser humilde.

E deve aceitar os encargos definidos que lhe cabem. Ninguém está no Templo de nossa fé por acaso. Por outro lado, cumpre encarecer que a distribuição de tarefas e encargos não representa de forma alguma a consagração de uma hierarquia em molde sacerdotal ou a aceitação de uma ordem meramente humana em nossos quadros de trabalho.

Seus membros poderão substituir-se entre si, no exercício de tarefas em curso de implantação, mas darão preferências a permanecer ligados à posição a que mais se afinizam. É o rumo da especialização. E especialização garante maior índice de rendimento.

A reunião de desenvolvimento mediúnico pede uma equipe definida, de companheiros que aceitem os encargos e as decorrências normais de suas funções:

- dirigente,
- médiuns-colaboradores,
- passistas, • esclarecedores,
- explicadores da Doutrina.

Nos capítulos seguintes abordamos o assunto.

I- O DIRIGENTE

Todos os postos convergem para uma equipe.

O dirigente é o seu coordenador.

Deverá ter uma grande vivência Doutrinária, ou seja, conhecer os postulados básicos codificados por Allan Kardec e sua complementação, notadamente a mediúncia transmitida pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, e também possuir algum tato psicológico para relacionar-se construtivamente com os candidatos ao desenvolvimento.

Ajustando-se para evangelizar, deverá o dirigente ser um exemplo vivo da realização das normas apontadas para os médiuns como parte do programa de desenvolvimento e cujas anotações fizemos no capítulo 7 e seu desdobramento.

A simples indicação verbal não tem a força de auxiliar. Vale o exemplo vivo.

O dirigente dará, ainda, unidade à equipe e lhe sustentará o ritmo, concorrendo para resolver todos os problemas que surjam em seu seio e que possam fazer perigar o seu sucesso espiritual.

Sem, pois, que esteja compenetrado de todos os detalhes sobre a mesma e sobre a mecânica do desenvolvimento mediúnico ou, então, se não sustentar condições de compreender e tolerar as naturais deficiências humanas e contribuir para o reequilíbrio de assistidos e assistentes — terá grandes dificuldades pela frente.

Deve ser calmo, ponderado, paternal. Evidentemente não estamos alinhando qualidades excepcionais e nem extraterrenas, pedindo que o dirigente seja alguém será problemas em família, sem problemas nas oficinas de trabalho, sem possibilidade de enganos, sem direito a falhas. Não se chega a tal extremo. Não há criatura perfeita sobre a Terra.

O dirigente, por conseguinte, não deverá esperar aperfeiçoar-se ou santificar-se — qual um Espírito Puro — para só depois entregar-se à tarefa de orientação.

Ele estará lutando para dominar suas más paixões Ele estará tentando vencer os problemas familiares.

E trabalhando fará funcionar todos numa equipe.

II- EXPLICADORES

Allan Kardec é claro e objetivo em suas obras.

No entanto, embora a clareza e singeleza das obras da codificação, não se dispensa a contribuição dos explicadores — notadamente daqueles que se assenhoreara do gênio da Doutrina e que podem ajustar os seus conceitos aos que agora chegam às lides doutrinárias.

O explicador deve ser simples. Não se embrenhará pelos labirintos das explicações complexas e nem cuidará de procurar originalidade pá expor a Doutrina sob ângulo novo, com alguma revelação transcendente ou inusitada.

Respeitará aqueles que iniciaram o manuseio dos livros do Espiritismo-cristão, fazendo-se compreendido por todos. Não se fará perplexo ante os títulos acadêmicos.

Irmãos há que, mesmo tendo cursado universidade ou completado curso médio, não trazem sinais do amadurecimento do seu senso-moral e deparam com imensas dificuldades para assimilar as lições do Espiritismo-cristão, enquanto outros, semialfabetizados ou mesmo analfabetos, se ajustam de imediato e não sustentam barreiras e nem preconceitos de quaisquer espécies, nem de fortuna e nem de posições sociais, e de pronto se integram nos conhecimentos da Doutrina dos Espíritos.

A assimilação guarda relação com a evolução moral. E a evolução moral não se reconhece nos traços ou trajes ou no refinamento gramatical ou na posição de maior ou menor destaque junto à Sociedade que compomos.

O explicador Espírita, senhor de tais noções, buscará sempre fazer-se simples nas exposições, utilizando-se de exemplos edificantes que tenham relação com a vida real, para vitalizar as ideias com o colorido afetivo que induza todos a aceitar a reforma íntima por programa da própria Vida.

Jesus é o modelo do explicador Espírita. Não cuidou em ser complexo ou de demonstrar sapiência. Não se preocupou com originalidade.

Sustentou-se junto à Verdade e a transmitiu integralmente, sem adições, reunindo as parcelas que se encontravam esparsas entre os diversos povos e que tinham sido apresentadas pelos mais variados intérpretes da Espiritualidade.

III- MÉDIUNS COLABORADORES

O exemplo constrói mais que as palavras.

Ninguém guarda dúvidas sobre o valor do ensinamento vitalizado, em que uma pessoa coloca em prática um determinado preceito moral, indicando, pelo seu modo de agir, a utilidade da sua realização no meio em que se vive.

No desenvolvimento mediúnico sobrevive o mesmo princípio. Os médiuns em desenvolvimento se unem afetivamente a alguém que lhes sirva de modelo ou padrão e decalam em si quase os mesmos comportamentos que observam.

Se o seu encontro se der com medianeiros equilibrados, ajustados Doutrinariamente, torna-se-lhes muito mais simples o caminho da integração espiritual e o domínio de sua nova faculdade.

Se, contudo, viver ou sustentar contato com médiuns deseducados, descuidados dos fins nobres de sua faculdade, poderão copiar-lhes os gestos, as atitudes, as ações e as reações pejadas de vícios ou destrambelhadas e fundir-se às ondas mentais igualmente desajustadas e encontrarão, no dia que resolver tomar o rumo certo, obstáculos enormes a vencer e que vencerão com a mobilização de sua vontade.

Importante, pois, os médiuns colaboradores.

Não apenas servirão de intermediários de Mentores e Espíritos que se afinizem ou que precisam de ser orientados pelo grupo de desenvolvimento, mas ocuparão a posição de figurinos vivos que serão observados silenciosamente e seguidos em todos os seus ajustes e desajustes — até que os novos médiuns firmem a sua própria personalidade mediúnica.

Cabe, portanto, aos médiuns colaboradores uma responsabilidade bem definida frente aos novéis medianeiros.

E em decorrência deverão pautar os seus atos pelo Evangelho e segundo os preceitos gerais e usuais da Doutrina Espírita:

- sustentar a calma,
- revelar confiança em Jesus,
- manter conversação sempre edificante, em torno e fora das reuniões mediúnicas,
- fundar o Culto do Evangelho em seu próprio lar,
- participar do Culto da Assistência no agrupamento,
- estudar continuamente as obras da Codificação...

O médium colaborador é um médium-matriz, cujo clima pessoal inclinará os demais companheiros a procurarem o reajuste que ele também procura e, se porventura for

descuidado de si mesmo, responderá até certo ponto pelos desajustes ou pelas anomalias espirituais em que caírem os seus companheiros.

Se não se atribui a si mesmo os desvios ou o comportamento anômalo dos aspirantes ao intercâmbio mediúnico, deverá recordar-se de que o seu exemplo, a sua atitude, traçou o rumo para aqueles amigos que se confiaram à sua influência.

Essa posição não o induzirá à vaidade.

É termo de responsabilidade firmado com a Espiritualidade Maior, que nos aguarda sempre o desempenho fiel de todos os compromissos assumidos, notadamente aqueles pelos quais os nossos comportamentos influirão tão preponderantemente em nossos irmãos da caminhada.

O médium colaborador, conhecendo a importância de seu exemplo pessoal, será humilde, amoroso, pontual, prestativo, diligente, indulgente, tolerante — cultivando essas qualidades fidalgas do coração com muito maior empenho que todas as demais criaturas.

IV- PASSISTAS

O passista é um componente do grupo de desenvolvimento.

Cabe-lhe a posição de medianeiro de energias puras da Espiritualidade Superior, visando o equilíbrio e o reequilíbrio psíquico daqueles que integrarão o grupo de desenvolvimento mediúnico — tornando-se o enfermeiro-auxiliar dos encarnados e dos desencarnados que orientam os destinos dos aprendizes.

Será um exemplo de equilíbrio.

Vencerá a si mesmo, as suas dificuldades, as suas inibições, e cuidará de ofertar o que de melhor possui — conjugando as suas próprias energias espirituais com as que lhe virão do mais Alto — favorecendo os novos companheiros que se inscrevem agora na senda que ele, o passista, já palmilha entesourando valores imorredouros.

Fará parceria com os esclarecedores. Buscará assenhorear-se do mecanismo de sua função e do trabalho que lhe cabe, para aprimorar-se ainda mais em sua função e dar-se com maior eficiência aos que se confiam em seu trabalho.

O passista, com os demais membros do agrupamento, procurará viver na integridade as recomendações e estudos, de assistência Espírita, de Culto do Evangelho no lar, de reforma íntima — não apenas para manter-se afinizado com os Mentores elevados, mas também para servir de esteio aos hesitantes que ainda titubeiam no seu nascimento espiritual nos Templos de nossa fé.

Após cada reunião, procurará manter entendimentos com o esclarecedor, para enriquecer observações e reviver os detalhes de todos os que se confiam ao desenvolvimento mediúnico.

Cabe-lhe não olvidar que alguns detalhes sobre o problema ou o caso de alguns dos companheiros em desenvolvimento, que a sua sensibilidade recolhe em decorrência de sua própria união com a Espiritualidade para o trabalho do passe, poderão ser decisivos para os esclarecimentos que orientam individualmente os que aceitaram ser médiuns no Espiritismo-cristão.

Silenciar informações pode originar dificuldades.

Muitas das intuições que lhe chegam, e que não devem ser transmitidas ao recebê-las para não tumultuar a orientação dos médiuns incipientes, são mensagens e avisos tomados do cadastro pessoal dos novos seareiros e de que os esclarecedores necessitam.

Conjugando-se, passista e esclarecedor, temos a equipe em plena formação, unida à Espiritualidade para a distribuição de bens imateriais e eternos.

V- ESCLARECEDORES

Eis aqui um elemento fundamental no desenvolvimento.

O esclarecedor é aquele companheiro estudioso da Doutrina Espírita e que com algum tato psicológico e muita vivência evangélica se irá incumbir, no mecanismo das reuniões, de tutelar os médiuns em curso de afloramento e educação de sua faculdade psíquica natural.

Será provido de paciência, tolerância, ternura.

Estará afastado da pressa, da ironia, da intolerância.

Viverá as normas recomendadas aos médiuns, para que o seu exemplo pessoal o situe nas ondas mentais dos Espíritos Superiores e para que entre em simbiose, destacadamente no momento destinado à orientação, com os Mentores do trabalho e, também, para que suas palavras estejam impregnadas da força moral, energia psíquica, de quem realiza o que recomenda.

Acompanhará um ou dois casos por vez. Restringindo a quantidade de médiuns para que o esclarecedor os oriente, ele encontrará tempo e oportunidade para estudá-los com espírito cristão, dominando-lhes os problemas naturais que se despontam em seus corações e que podem tê-los conduzido ao Templo de nossa fé para que se eduquem mediunicamente.

À medida que estreitar contato com seus orientados, poderá traçar o esquema psíquico dos mesmos para, então, situando-se no âmbito de suas maiores necessidades espirituais, fazer-se mais francamente entendido — já que a ação do esclarecedor não se restringe às reuniões de exercício e de instruções, mas abarca, isto sim, a vivência normal do médium em desenvolvimento.

Permutará opiniões com os assistidos. Deles recolherá as impressões e observações pessoais. Juntos, criarão meios de promover o reequilíbrio. Caberá ao esclarecedor conduzir o médium novato em seus primeiros contatos com as áreas de assistência Espírita.

Ofertar-lhe-á orientação de leitura, a fim de que o novo companheiro não se detenha improdutivamente em obras duvidosas e fantasiosas que, embora trazendo o rótulo de espiritualistas ou mesmo espíritas, servem apenas para alimentar as imaginações viciadas e doentias.

Colaborará para a instalação e sustentação do Culto do Evangelho no lar daqueles que estarão recebendo sua orientação.

Procurará fazer com que o assistido ajuste as mensagens espirituais, quer de Mentores, quer das obras fundamentais e complementares de nossa Doutrina, aos seus problemas íntimos, para inadiável reforma íntima.

O esclarecedor induzirá todos à libertação das amarras que conservem com as paixões e os teoremas controvertidos ou enganosos que alimentem, compreendendo sempre que está, frente a frente, com irmãos inexperientes no trato com a espiritualidade e aos quais cabe

oferecer o máximo de elucidação e amparo moral para que se tornem eficientes obreiros na Seara do Senhor. Há, contudo, uma advertência.

Por razões psíquicas de ordem profunda, o orientado se imantará à palavra do esclarecedor e aos seus exemplos, pelos fios invisíveis e poderosos da afetividade.

Agirá quase na condição de uma criança que se confia à orientação paterna e que transfere aos seus tutores a solução de todas as pendências que por si mesmos não conseguem solucionar.

O esclarecedor precisa aceitar esse fato. No entanto, envidará esforços para, no mais breve espaço de tempo possível, libertar o seu orientado de sua ação e de sua dependência, auxiliando-o a retomar as rédeas de seu próprio destino e caminhar seguro em direção do Alto.

VI- MÉDIUNS EM DESENVOLVIMENTO

Cada homem é um mundo individualizado.

E cada um precisa, por isso, ser compreendido dentro dos limites ou da amplitude de suas próprias fronteiras espirituais que, mesmo guardando alguns pontos, de semelhança com os demais caminheiros da evolução terrena, são diferentes entre si.

E todos carregam problemas íntimos. Alguns chegarão trazendo as aspirações desenvolvidas em existências anteriores, quando estiveram compromissados já com o trabalho de evangelização de nossa Humanidade, nos setores a que foram conduzidos pela reencarnação.

Outros, no entanto, serão os chamados de agora, os que iniciam o atendimento do suave convite do Senhor, mas preferiram ser embalados pelos sofrimentos e aportam, pois, aos nossos Templos doutrinários, constrangidos ou impelidos por dores invisíveis.

Não olvidemos, porém, as circunstâncias de sua vida. A sua família, os seus amigos, os seus negócios, a sua profissão, os colegas com os quais se relaciona, os filhos, os pais, o bairro em que vive, a religião que professava, os médicos que consultou, os médiuns com os quais se relacionou, a cultura mundana que sustente, a posição social que ocupe — são alguns elementos poderosos e decisivos na sua conduta, na sua permanência, na sua compreensão, sem que relacionemos os Espíritos perturbados e perturbadores que poderão compor-lhe o séquito indesligável!

Deverão ser acolhidos cristãmente. Que nem a posição social de maior ou de menor destaque, que nem a situação de negócios, que nem os títulos acadêmicos — sejam sinais para estabelecer entre os que adentram para o aprendizado nos Templos de Espiritismo-cristão quaisquer diferenciações de tratamento ou de atenções.

Todos somos irmãos. Aos olhos de Jesus só a bagagem espiritual nos diferencia. E essa diferenciação só se estabelece para ampliar ainda mais o tratamento de que tenhamos necessidade.

Quanto mais doentes, maior a dose de medicamentos espirituais que nos será destinada para promover a nossa recuperação. Assim, junto ao industrial, sentar-se-á o operário.

Essa igualdade de atenções e de tratamento é um dos mais comoventes exemplos de respeito às Leis da Espiritualidade, revelados pelo Templo onde se organiza a reunião de desenvolvimento mediúnico, valendo por um ensinamento vivo de alta significação — porque em termos de vida eterna as honrarias humanas são transitórias e, amiúde, promovem profundos desajustes psíquicos naqueles que as recebem.

Reconheçamos, no entanto, que muitos dos companheiros novos trazem, por consequência de seu desajuste transitório, uma área de sensibilidade ou de atrito muito maior que a comum. E essa enfermidade é um dos pontos que a reunião e seu mecanismo visam corrigir, reajustando cada um no caminho de suas conquistas eternas.

Deverão os que chegam, pois, ajustar-se ao ambiente. Que jamais o clima se renda às preferências do visitante. Não poderemos subverter a ordem.

Se acontecer a alguns dos novos amigos não se afinizarem com o agrupamento ou manifestar desejos de retirar-se e não mais vir às reuniões, não deveremos atribular-nos pelo acontecimento, desde que não tenhamos nos desviado da rota do Evangelho restabelecida pelo Espiritismo-cristão.

Nem todos se agradarão conosco. E não será por isso que deveremos alterar as diretrizes que abraçamos sob as bênçãos de Jesus, julgando que poderíamos ter um ninho que acolhesse todos, mesmo aqueles que só amam o que lhes agrada e só preferem o que lhes satisfaça as paixões ou vaidades.

E há médiuns rebeldes. Repudiam todas as recomendações, não tomam interesse na própria reforma, evitam de organizar o Culto do Evangelho em seu lar, adoram as bisbilhotices vãs com os Espíritos ou querem se impor prejudicialmente ao agrupamento com um exercício contínuo da língua compromissada com a maledicência, com narração de mirabolantes aventuras, com gestos ou olhares de malícia e ironia.

São enfermos que não desejam tratar-se. A esses deveremos, após cercá-los com todo o carinho e com todas as instruções necessárias, adverti-los em particular quanto à sua atitude e mostrar-lhes o prejuízo que isso lhes acarreta.

Agiremos assim como a mãe que adverte os seus próprios filhos que elegeram a indisciplina por um hábito costumeiro. Alguns poderão, ante tal advertência amiga, reconhecer o próprio desajuste e acordar para a sua regeneração.

Outros repelirão as ponderações quais se elas fossem intolerância ou zelo excessivo dos orientadores da reunião e se afastarão do agrupamento. Que não se turbe o nosso coração.

Esses terão ainda muito a aprender, nos caminhos do sofrimento, mas um dia retornarão ao aprisco do Senhor, dispostos a renunciar hábitos antigos e conquistar, com dificuldades crescentes, os hábitos novos do Espiritismo-cristão.

Recordemo-nos: nem todos os chamados se farão escolhidos para o trabalho sério e intenso na Vinha do Senhor.

E assim como Jesus aguarda séculos para nossa regeneração, não poderemos perder-nos pelas insinuações da pressa que se contenta com o aumento numérico dos prosélitos com sacrifício dos princípios redentores do Cristianismo.

Todo médium tem problemas, cuja solução é o Evangelho.

VII- ACOMPANHANTES E VISITAS

Inicialmente, estabeleçamos uma diferença:

- acompanhantes — são os que vêm habitualmente, juntos com os médiuns em desenvolvimento para o Templo de Espiritismo-cristão, nos dias em que se realizam as reuniões especiais em que eles participam;
- visitas — são aqueles que não se encontram ligados ao trabalho de desenvolvimento do agrupamento e que poderão vir numa ou noutra reunião, sem continuidade de frequência e sem que ocupem a posição de médium em desenvolvimento ou de um dos colaboradores da equipe assistencial.

Atendendo a necessidade de muitos companheiros, destacadamente do elemento feminino que aspira burilar a sua faculdade medianímica, o acompanhante não se torna nenhum impedimento de ordem maior, desde que seja sempre o mesmo.

Com o transcorrer das reuniões ele poderá, inclusive, integrar-se no agrupamento e fazer parte do mesmo, embora permanecendo na condição de espectador. As visitas, porém, merecem outras considerações. Uma pessoa estranha no grupo promove constrangimento.

A reunião de desenvolvimento deverá ter um caráter íntimo, bem familiar, predispondo seus componentes a integração psíquica no grupo. É de notar-se que só após tal integração é que ocorre a desinibição e todos se irão externando, confessando-se uns aos outros, rogando orientação e auxílio para os seus desajustes.

Uma visita interrompe o circuito. Observemos que teremos predisposição a abrimos o coração, num grupo de genuínos amigos, dizendo-lhes que temos dificuldades de orar sozinhos.

Já não revelaríamos tal fato em público, por desconhecer como reagiriam ante a nossa confissão interior. As visitas só poderão ser admitidas no agrupamento quando sejam de amigos do Ideal que desejam fundar outros núcleos de desenvolvimento mediúnico e que venham buscar as experiências que tenhamos alcançado dentro desse campo e para que vejam na prática como funciona o mecanismo dessas reuniões.

Antes, porém, relatemos o pedido aos demais componentes do agrupamento, como a solicitar-lhes autorização para tal permanência temporária e, no dia da visita, busquemos aproximá-la de todos os amigos de reunião para evitar constrangimentos por parte daqueles que se educam mediunicamente.

33- OS AFOITOS

Há quem negue o valor da disciplina.

Alegam alguns companheiros desavisados que espetaculosos feitos e efeitos são alcançados pela mediunidade sem estudos e anárquica, com médiuns que ignoram técnica e Doutrina.

E, dizem mais: que o conhecimento do médium sobre a Doutrina dos Espíritos pode influir e alterar o conteúdo das comunicações espirituais, porque o mediano se inclinará a repetir o que já tenha lido nos livros.

Esses são os pregoeiros da ignorância.

Estimam a sua própria posição, que se abalaria se no seu meio se processasse o estudo metódico, e se confiam às inspirações de entidades obsessivas que vestem a roupagem de seus orientadores para consagrar, como certa, a sua preguiça mental, o seu não desejo de refletir, a sua vontade de não disciplinar-se, o seu anseio de fugir de si mesmo, a sua presunção de transformar o Espiritismo num renascimento de oráculos e pitonisas, cartomantes e adivinhos, falsos deuses e filas de pedinchões inveterados.

São amigos que se marginalizam espiritualmente. Edificam mocambos e favelas psíquicas, procurando dar teto e agasalho a todos os que lhes comunguem o desejo de sustentar-se por tempo indefinido com verminoses espirituais, com avitaminose interior, com falta de vontade de trabalhar por si mesmos num plano sério e produtivo.

Natural, pois, que se transformem em críticos ou criaturas afoitas que se atiram contra o desenvolvimento mediúnico sistematizado em Kardec.

Cada médium que se equilibre representa um despovoamento virtual de seus arraiais miasmáticos e, como medianeiros inconscientes das Sombras, reúnem azedume e dardos ferinos para denegrir a obra consoladora do Espiritismo-cristão.

Dizem-se Espíritas e não o são pelos seus atos. Os afoitos são amantes da fantasia. Não se ocupam na transformação moral, mas estimariam ver os médiuns que hoje aportam aos agrupamentos Espíritas alijar de si, num passe de magia ilusória, todos os seus problemas.

Querem transformar, num único contato de alguns minutos, os Espíritos que consciente ou inconscientemente causam perturbações a médiuns destrambelhados — em guias e protetores, em Espíritos de luz e anjos tutelares.

Não observam, porém, que nem eles mesmos, ainda não conseguiram dominar os seus ímpetos de cólera, os seus momentos de gula, os seus instantes de rancor, a sua língua indócil, a bênção de seus olhos, o uso nobre de sua audição. . .

Os afoitos — aqueles que repudiam a disciplina e os estudos metódicos da mediunidade — poderão narrar transformações exteriores surpreendentes, redenção repentina, restabelecimento imediato de almas enfermiças de séculos.

No entanto, num exame que façamos dos acontecimentos, notaremos que os médiuns citados apenas se imantaram às zonas umbralinas da espiritualidade e receberam a trégua própria daqueles que se escravizam a obsessores sutis.

Respondamos, pois, com trabalho.

Ouçamos o que tenham para observar os afoitos e continuemos imperturbáveis a trabalhar metodicamente pela divinização da faculdade mediúnica de nossos queridos companheiros que vêm aos círculos de desenvolvimento do Espiritismo cristão, sem que as investidas dos inimigos do esclarecimento desmantelem a obra que temos em realização.

E alertemos os demais irmãos do caminho. Encareçamos a todos a urgência da paciência, da calma, da necessidade do burilamento íntimo — a fim de que eles não se rendam às ilusões sobre métodos de trabalho e menos ainda se deixem atrair para fins menos nobres, menos cristãos, no exercício ou no afloramento da faculdade que se desponta em seu íntimo, por acréscimo da Misericórdia Divina.

34- EQUIPE DE SERVIÇOS

Não deve ser numeroso o grupo de desenvolvimento.

A grande quantia de pessoas dificulta a homogeneidade fluídica e a integração de seus componentes, afastando dos trabalhos as características imprescindíveis de tratamento individualizado que se deve ofertar aos companheiros que aceitam desenvolver a sua faculdade medianímica no clima do Espiritismo-cristão.

Se forem seis os candidatos à educação mediúnica, a equipe de serviços resultante se comporá de:

- seis médiuns em desenvolvimento,
- um médium colaborador,
- três médiuns-passistas,
- três esclarecedores,
- um explicador de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”,
- um explicador do mecanismo da mediunidade,
- um orientador da reunião.

A sessão de desenvolvimento não é porta de proselitismo. O Espiritismo-cristão não convoca os seus adeptos para nenhuma prática que vise o crescimento quantitativo dos frequentadores de nossos Templos de fé.

Não se inscreve em seus objetivos a transformação da estrutura externa do nosso Mundo e de nossas organizações sociais.

A Doutrina se volta para o homem individualmente considerado e, por ser uma alma imortal de grande valor, oferta-lhe os elementos indispensáveis para a reforma de seu mundo interior, o seu mundo íntimo.

A religião Espírita não é uma seita a disputar a preferência das multidões, imprimindo interpretações ao Evangelho de acordo com programas unilaterais.

Antes de tudo, Espiritismo é mensagem de consolação e luz que procura a intimidade de cada um de nós para despertar-nos para a grande realidade universal: a realidade de nós mesmos.

Nossas sessões serão como a reunião da família.

35- MECANISMO DAS REUNIÕES

Nunca se estabelece uma reunião sem necessidade.

Deverão ser fundadas no atendimento daqueles que se encontram às voltas com problemas da mediunidade destrambelhada ou em floração.

E, desde o início, congregaremos os componentes da equipe de serviço, estabelecendo em comum acordo dia e horário certos para a sua realização, possibilitando, assim, que os Mentores Espirituais que nos tutelarão os exercícios organizem as providências em nosso favor com precisão. Cabe-nos ser fiéis e pontuais.

Por muito eficiente e indispensável a reunião, não poderemos alongá-la desnecessariamente, desrespeitando os compromissos daqueles que nos buscam orientação e menosprezando os Espíritos sérios que nos socorrem e que têm tarefas definidas e importantes, no plano a que se ajustam, e em curso de realização.

Mas, também não deveremos torná-la breve demais, mercê a preguiça mental ou a desordem sistemática a que nos entreguemos habitualmente. Se dessa forma procedermos, os bons Espíritos não poderão vir a nosso encontro, porque estaremos a afastá-los pelo atropelo com que nos comportamos.

Aceitemos hora e meia de duração, no máximo.

I- PASSES

Os que vêm à reunião trazem problemas íntimos, ligações espirituais comprometedoras, pesadelos morais, questões conscienciais, uniões com a espiritualidade menos feliz e, alguns poucos, chegam equilibrados.

Recebamo-los com a bênção do passe.

O passe deve ser para todos.

Todos os que comporão a reunião, assistidos e assistentes, poderão adentrar à câmara de passes e beneficiar-se da terapêutica espiritual que o Espiritismo-cristão tão ricamente restabeleceu em nossos dias para a enfermagem da alma eterna.

Notadamente os médiuns em potencial deverão buscar essa renovação perispiritual, a fim de ajustarem-se psiquicamente e desligarem-se parcialmente de seus obsessores ou perseguidores espirituais ou de suas ideações e aspirações materiais, antes do início da reunião.

Os primeiros trinta minutos, pois, serão de passes.

II- ORIENTAÇÃO INDIVIDUAL

Há problemas íntimos angustiantes.

Todo problema, porém, surge por bênção de aprendizagem inadiável, semelhando-se a uma ponte que se forma entre o que somos hoje e a criatura mais realizada, mais experiente, que seremos amanhã.

Se o afastarmos, simplesmente, deixaremos de viver bem uma lição indispensável.

Se o tomarmos por indução ao enriquecimento de nossas experiências, atravessando essa ponte sobre os abismos de nossas deficiências, atingiremos planos mais altos.

No momento sofrido, no entanto, rogamos por amparo.

Ansiamos por mão amiga que nos auxilie a travessia com segurança, sem que nos precipitemos a quedas maiores e mais comprometedoras.

Erige-se, aí, a dinâmica e a importância da orientação individualizada, onde poderemos abrir a própria alma sem reservas e certos de que ouvidos compreensivos acolherão as nossas tempestades psíquicas e que, no final, o orientador Espírita se tornará um farol a clarear os rochedos perigosos e as ciladas que nos poderão ferir ou tragar, fazendo-nos perecer em meio a uma experiência provatória.

Assim, portanto, enquanto ocorrem os passes — os que já se beneficiaram com a higiene espiritual poderão dirigir-se aos orientadores individuais para relatar-lhes as ocorrências e os problemas do cotidiano e deles receber as ponderações que, virtualmente, representam a mão que se nos estende para nos socorrer nos transes dolorosos.

III- ORIENTAÇÃO DA ABERTURA

Vem, então, a oração de abertura.

Tomando os companheiros a posição de aprendizes, os explicadores irão transmitir noções claras da Doutrina dos Espíritos aos seus ouvintes, mas, antes de qualquer procedimento, o orientador da reunião proferirá a prece de abertura.

Será prece de improviso.

Afetiva.

Colorida pela emoção disciplinada.

E terá duração de um minuto, pela sua concisão, pela sua leveza, por ser prece e não preleção ou oratória e por visar refundir as nossas aspirações com as das Esferas Superiores — que têm nas preces os canais de interligação com a nossa Humanidade.

IV- EVANGELHOTERAPIA

O explicador do Evangelho terá quinze minutos.

Nesse espaço de tempo lerá uma das lições de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e procurará torná-la bem acessível ao entendimento e à realização de todos, seguindo a indicação de Allan Kardec, colocada como frontispício desse imortal livro: “a explicação das máximas morais de Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida”.

Anotemos que se foge de preciosismos.

Nenhum rebuscamento teológico.

Nenhuma dissertação literária.

Nenhuma apreciação vã.

E além de relacionar a moral cristã com as pregações Doutrinárias do Espiritismo, deve o explicador voltar-se para a funcionalidade que dá ao Evangelho, no meio Espírita, um sentido prático, utilitaríssimo: as aplicações dos conhecimentos morais às diversas circunstâncias da vida, ou seja, como solucionar questões familiares, questões de serviço, questões sociais, questões de estudos, questões de conhecimentos da espiritualidade, questões de comportamento do cotidiano — segundo Jesus, segundo o Espiritismo.

O explicador do Evangelho traçará o mapa da Vida.

Aproveitar-se-á dos mil acontecimentos de nossa existência, quer sejam os observados por ele mesmo, quer sejam os recolhidos das boas obras morais para ilustrar a forma com que se coloquem em prática aqueles ensinamentos, vencendo as suas limitações e os seus naturais empecos.

Já teremos, nesta altura: quarenta e cinco minutos decorridos.

V- SOBRE MEDIUNIDADE

Na sequência da reunião, após a sementeira de amor do Evangelho em cada coração, o explicador da mediunidade terá trinta minutos para sua exposição e para acolher e elucidar as questões levantadas pelo seu pequeno auditório (²).

Dirigindo-se a companheiros novos, que se iniciam agora nos conhecimentos doutrinários, evitará de enveredar por caminhos que exigiriam um esforço acima do comum aos seus ouvintes e que pediriam uma base cultural anterior onde firmar-se e desenvolver-se.

A exposição deve ser leve e simples. Jamais abordar os pontos programados com a preocupação de esgotar o assunto, de expor tudo quanto se conhece sobre o tema e menos ainda deveremos querer acrescentar alguma coisa diferente, algo que ainda não foi ensinado sobre o assunto.

Ângulos novos ou detalhes e minúcias só cabem nas especializações e não para aqueles que estão recebendo agora os ensinamentos elementares e fundamentais da matéria.

Deve o explicador procurar fazer-se compreendido.

Acima, pois, do monólogo — que será apenas o expositor falando — preferirá o diálogo, onde o aprendizado se faça através do esclarecimento paulatino do ouvinte, partindo do seu campo de interesse imediato.

O explicador que consegue dialogar, realiza-se.

Disciplinando-se a si mesmo, no entanto, respeitará o tempo que lhe foi destinado, sabendo que toda prorrogação é quebra da unidade do serviço programado e que não será num encontro único, numa única reunião, que transmitirá todas as mais caras noções da Doutrina Espírita aos seus ouvintes.

A Verdade é uma semente.

Precisa ser deitada no coração e terá o tempo de germinação.

² Fonte para temas a serem expostos aos que se inscrevem para o desenvolvimento mediúnico: Livro dos Médiuns Allan Kardec Livro dos Espíritos (parte II) Allan Kardec A Gênese (Capítulos XIII a XV) Allan Kardec O Céu e o Inferno Allan Kardec No Invisível Léon Denis Seara dos Médiuns Emmanuel Nos Domínios da Mediunidade André Luiz Mecanismos da Mediunidade André Luiz Estudando a Mediunidade Martins Peralva E destacamos para os aprendizes, como tema, os seguintes capítulos deste estudo: Cap. I a 31 — 33 a 34 e 36.

VI- CONCENTRAÇÃO

Tal como a reunião se processa, já teremos:

- trinta minutos destinados a passes e orientação individualizada;
- quarenta e cinco minutos distribuídos entre a explicação de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e a aula sobre o mecanismo da mediunidade.

Ficaremos, portanto, com dez minutos para o exercício psíquico, para a afinização fluídica do desenvolvimento, tempo que será ampliado vagarosamente nas demais reuniões, com diminuição do tempo de exposições.

Os integrantes do agrupamento, já preparados pelas providências anteriores para estes minutos importantes para o seu futuro mediúnico, sentirão o coroamento de sua dedicação, de seu interesse, de seus esforços — neste breve encontro formal e ostensivo com a Espiritualidade.

Reunir-se-ão em torno da mesa e se concentrarão.

A concentração — oração silenciosa de cada coração ajustado à reunião — servirá como elo para as relações espirituais, onde os médiuns, em princípio, deverão aprender a controlar-se fisicamente, contendo toda e qualquer agitação orgânica e toda e qualquer indução menos feliz de irmãos compromissados com as Sombras.

Sentirão o clima espiritual.

Registrarão em si as diversas influências.

Mas, seus primeiros exercícios serão de autodomínio.

Sentirão o envolvimento de Espíritos próximos de seu campo mental, sem que se entreguem ao seu domínio ou à sua vontade — praticando, assim, as primeiras lições de disciplina e se fortificando para controlar-se no cotidiano.

Todos deverão aprender que não será por sentar-se em torno de uma mesa de trabalhos mediúnicos e nem por sentir a presença de espíritos que nos entregaremos às suas determinações pessoais.

Somos donos de nós mesmos e únicos responsáveis por nossos atos, mesmo que aleguemos a influência determinante deste ou daquele Espírito menos feliz.

Só após termos alcançado auto domínio deveremos ir além, ou seja, relacionar-nos diretamente com os Espíritos, transmitindo os seus pensamentos, as suas necessidades, os seus problemas, as suas tendências.

VII- AÇÃO DOS ESCLARECEDORES

Compreendamos os médiuns em desenvolvimento.

Poderemos ter-lhes minuciado todo o mecanismo das comunicações; tê-los convidado à instalação do Culto do Evangelho no lar; ter-lhes encarecido a necessidade do auto domínio; haver-lhes exaltado a importância da disciplina; ter-lhes ponderado sobre a urgência da reforma íntima — mas, deveremos, agora, acompanhá-los na transformação de seus novos conhecimentos em atos reais nos quadros da existência.

O salto da teoria para a prática é difícil. Cabe aos esclarecedores, nesse momento, aproximar-se dos companheiros que revelem dificuldades para conter-se ou que se entreguem às influências espirituais menos sadias e transmitir-lhes instruções precisas e auxiliares.

Convidá-los à oração.

Induzi-los ao auto domínio.

Atendê-los em suas dificuldades naturais.

Na reunião de desenvolvimento, o médium deve ser o centralizador de nossa atenção, o ponto para onde faremos convergir a nossa experiência.

O companheiro encarnado, naquele momento de experiência de intercâmbio, é a razão de ser, o objetivo mesmo da reunião em si.

Estejamos, portanto, despreocupados da doutrinação de Espíritos, já que caberá ao próprio médium, pelo seu comportamento na vida diária, pela sua atividade nos campos do Bem, conduzir o Espírito perturbador ao reequilíbrio.

O esclarecedor trará sempre viva essa noção. Não se encontra na reunião apenas para falar com os Espíritos.

Seu papel é justamente o de nortear o médium em suas relações com a espiritualidade e ajudá-lo a postar-se junto aos Planos Celestiais, a fim de conquistar condições de, mais tarde, ser um mediano equilibrado a ofertar socorro.

VIII- AÇÃO DOS ASSISTAS

Os assistas já estarão em atividade.

Atendendo a indicação dos esclarecedores ou mesmo se antecipando no socorro a algum dos médiuns em dificuldades no intercâmbio inicial, oferecer-se-á silenciosamente, aplicando-lhes vigorosas energias fluídicas sobre a cabeça.

Banhando a epífise, o assista burila relações.

Conjugadas as energias do Alto com a do assista e a vontade do medianeiro em serviço, o clima mental do companheiro encarnado se reajusta e ele poderá dominar-se inteiramente e até ofertar-se parcialmente aos Espíritos infelizes que se encontram nas proximidades de seu agrupamento humano desejosos de dialogar.

O assista operará em silêncio.

Trará a mente em oração, unindo-se ao Alto.

Não se pronunciará, no decorrer da reunião, sobre qualquer ocorrência, já que lhe cabe a posição definida de transmissor de energias e não se pode deixar enovelar nos pensamentos turbilhonados e aflitos, seja dos médiuns, seja dos Espíritos acompanhantes.

Todas as suas observações ficarão reservadas.

Posteriormente à reunião serão transmitidas ao esclarecedor, no sentido de auxiliar a clarear os casos que lhe estão confiados na equipe de serviço de desenvolvimento mediúnico.

IX- PALAVRA DO MENTOR ESPIRITUAL

Encerrados os exercícios, ouçamos o Mentor Espiritual.

Ele terá apontamentos e ilustrações, já que se encontra do outro lado da Vida e possui condições de revelar-nos detalhes que nos passam despercebidos à visão comum e normal.

As perguntas, inclusive dos médiuns em desenvolvimento, deverão nessa hora ser apresentadas ao Amigo Espiritual — cabendo-nos o cuidado de ouvir e analisar todas as instruções por ele transmitidas.

Ouvir e analisar o Mentor, ponderando o acerto ou não de suas informações em relação à Codificação Espírita, é mais um excelente exercício que se faz com os médiuns em desenvolvimento, levando-os a habituarem-se a aceitar as informações transmitidas pelos Espíritos só após compará-las com as obras básicas da Doutrina.

Desde cedo é-nos decisivo o hábito de raciocinar. Deveremos aprender a encontrar-nos com a Espiritualidade sem a perplexidade obscurecedora que nos tolda a inteligência e nos faz, por vezes, aceitar algumas fantasias ou absurdos apenas porque foram transmitidas por um ser invisível aos nossos olhos.

Um Espírito tem suas limitações. Não possui resposta para todas as perguntas.

Cada um age dentro de seu horizonte de cultura e de moral e aquele que se proponha, sozinho, a responder tudo e tudo resolver, amiúde estará dando informações segundo o seu ponto-de-vista pessoal.

O Mentor Espiritual, à medida que ganha a confiança dos componentes do agrupamento pelo seu ajustamento às normas Doutrinárias, torna-se decisivo no florescimento do sexto-sentido em sublimação de cada amigo do Ideal.

X- ENCERRAMENTO

Atingimos o final da reunião.

A prece se torna o imperativo da gratidão.

As bênçãos da noite foram tantas e tão sublimes que não poderemos olvidar de reunir as nossas energias mais puras e endereçá-las aos Céus, transformando as nossas radiações fluídicas num hino de louvor à Providência Divina, cuja prodigalidade de amor se manifestou em nosso meio.

E não olvidemos os ausentes.

Muitos são ainda, aqueles que não puderam atingir o degrau religião que a Caridade Divina generosamente nos ofertou e são os necessitados do amparo silencioso, à distância, para que um dia se tornem companheiros de nossa caminhada ao Eterno.

Lembremos os enfermos.

Recordemos os parentes e amigos.

Renovemos o clima fluídico dos lares.

E incluamos no rol daqueles que nos receberão o envolvimento Benéfico da hora, os nossos inimigos e desafetos desencarnados e encarnados, aspirando pelo dia em que nos abraçaremos todos como uma só e única família, cujos estremecidos incidentalmente se restabelecerão sob o sol do amor.

36- QUESTÕES FINAIS

O desenvolvimento mediúnico é complexo.

Ponderemos, além do que já anotamos, sobre quatro itens de importância que se farão presentes na sequência de nossas reuniões, a fim de criarmos a disciplina necessária para evitar alguns pequenos males comuns.

Ei-los em destaque:

- manifestação espontânea,
- comunicações ininterruptas,
- comunicações simultâneas,
- ausência de comunicações.

Cada um desses detalhes deve ser profundamente amadurecido em nossa alma, para que não transmitamos, àqueles que se confiam à nossa orientação, desajustes ou comportamentos Doutrinários anômalos. Estudemos cada um em separado.

I- MANIFESTAÇÃO ESPONTÂNEA

Todas as manifestações espirituais não de ser espontâneas.

Não deveremos induzir o médium a apassivar-se, numa determinada hora e nem querer extrair-lhe à força de pedidos e sugestões, as palavras ou os pensamentos que os Espíritos estejam transmitindo.

O médium deve ser livre.

A ele caberá decidir-se, no final, a transmitir ou não as sensações e as ideias que recolhe da Espiritualidade, sem que se sinta constrangido pela pressa ou pela imposição dos orientadores.

Respeitemo-lo em suas escolhas.

Auxiliemo-lo por todas as formas.

Mas, não vinculemos jamais a ideia de obrigatoriedade de transmitir a mensagem se não se encontrar ainda integrado no trabalho mediúnico.

Qualquer violência neste campo, mesmo branda, é inadequada e desajustada Doutrinariamente.

Eis expressões impensadas, que cumpre evitar:

— Fale, meu amigo.

— Transmita a comunicação.

— Deixe que o Espírito fale.

Por vezes quem lança tais convites, com tom imperativo na voz, não acompanha o emaranhado de indecisões, de problemas, de angústias de que se possuem alguns médiuns em desenvolvimento.

Estes estimariam atender prontamente o orientador encarnado, mas não encontram condições ou meios de fazê-lo, porque, não raro, não conseguem ainda discernir os seus próprios pensamentos dos pensamentos do Espírito que se queira servir do intercâmbio mediúnico.

Aqui, a mensagem tem importância secundária. Ante, pois, as dificuldades que se note nos médiuns em vencer as suas inibições ou de estreitar relações com a espiritualidade, auxiliemo-los a compor-se interiormente, a equilibrar-se no momento do entrelaçamento mediúnico, para que se tornem espontâneos, afastados da interferência dos encarnados e ajustados aos Planos da Espiritualidade Maior.

II- COMUNICAÇÕES ININTERRUPTAS

Os liames do intercâmbio mediúnico são sutis.

Nada há de improvisado.

Nenhuma união se realiza ao acaso.

Numa reunião, pois, algumas vezes enquanto se harmonizam os fluídos e os Mentores Espirituais corrigem os desvios provocados pelas mentes em distonia, reina um silêncio material, uma ausência de vozes, uma como que expectativa dos acontecimentos que se sucederão.

Esse interregno poderá ocorrer no início ou entre uma e outra manifestação de Espíritos, independente da categoria das entidades presentes e indiferente ao número de médiuns em desenvolvimento ou dos já em plena atividade que estejam integrados no agrupamento de Espiritismo-cristão.

Deveremos respeitar tais pausas. Não se pretenda comunicações semelhantes às reuniões de criaturas palradeiras, que falam sem cessar, misturando os mais variados temas e as mais diversas informações numa autêntica miscelânea de estouvados.

Utilizemos o silêncio que se faça entre uma e outra comunicação para orar e meditar, gravando em nós mesmos todo o diálogo sadio que ocorreu entre os esclarecedores e o visitante invisível.

Não podemos malbaratar nosso tempo e menos ainda poderemos tratar descuidadamente as providências organizadas a nosso favor, nutrindo o desejo que os Espíritos se atoplem através dos médiuns e não conservem um espaço de tempo respeitável entre si.

Os que aspiram movimento verbal, devem reformar-se.

Reunião mediúnica não é espetáculo.

Estamos ali no cenáculo de Amor e não poderemos estabelecer aprendizado útil e eficiente se não mensurarmos as informações que nos chegam ou as preciosas narrativas e venturosos acontecimentos que nos visitam.

Ajustemo-nos aos Planos Divinos.

Não queiramos que a Espiritualidade se comporte pelo figurino de nossas preferências ou de acordo com nossas paixões elementares.

III- COMUNICAÇÕES SIMULTÂNEAS

A disciplina é o alicerce da evolução.

Nenhum empreendimento sério se realiza de modo tumultuado, com inúmeras pessoas opinando ou rogando coisas diversas ao mesmo tempo.

Poderemos ter grandes necessidades espirituais e premência de afeto e socorro. No entanto, se não nos ajustarmos às normas estabelecidas para o agrupamento, apenas promoveremos desordem e retardamento de serviços.

Na reunião de desenvolvimento falará um Espírito por vez. Não há necessidade de todos os médiuns se apassivarem em todas as reuniões.

É falso o conceito de que o médium que não transmite comunicações sofrerá influência deletéria no transcorrer da semana ou dos meses.

A verdade é que o médium inativo, isto é, aquele que se distancia do campo do estudo, do campo da assistência aos desvalidos, do Culto do Evangelho no lar, do esforço de reforma íntima — estará amontoando problemas difíceis sobre a sua cabeça e, fatalmente, colherá a indiferença que está semeando.

Não será, pois, a título de necessidade individual que se desencadeará a indisciplina, com manifestações simultâneas de Espíritos infelizes ou de orientadores Espirituais.

Possuindo o grupo três esclarecedores, e igual número de passistas, poderemos admitir que um máximo de dois médiuns se apassivem simultaneamente e que, conseqüentemente, até dois Espíritos sejam atendidos ao mesmo tempo, visando o burilamento do mediano encarnado.

Atenhamo-nos, porém, aos fins da reunião em si.

Que não se transforme em doutrinação de Espíritos.

Para a orientação e esclarecimento de Espíritos menos felizes já existem as sessões de desobsessão, magistralmente estudadas pelo Espírito de André Luiz, através dos médiuns Waldo Vieira e Francisco Cândido Xavier, na obra: “Desobsessão”, a que devem recorrer os amigos interessados na sustentação desses recursos admiráveis.

Aqui, o intercâmbio será breve.

Dispensemos alguns poucos minutos para cada Espírito e reservemos muita atenção para o médium.

E não se estremeça o nosso coração, sob a alegação de que estejamos sendo descaridosos com os desencarnados por destinar-lhes um tempo limitadíssimo. Destaquemos, novamente, que a reunião deve sua atenção e seus cuidados para com os médiuns em desenvolvimento.

IV- AUSÊNCIA DE COMUNICAÇÕES

Poderemos ver transcorrer reuniões sem manifestações.

Não nos atribulemos pela ocorrência.

A ausência de comunicações, por vezes, é um favor dos Planos Celestes que permitem, num acréscimo de misericórdia, que tomemos fôlego de nossos obsessores particulares.

Permanecem eles distantes e, em torno da mesa, deixamos de registrar a sua presença e o seu envolvimento, pelo isolamento fluídico de que nos beneficiamos.

Essa é demonstração de que podemos dominar-nos. Não reclamemos, portanto, e nem nos desalentemos.

É altamente prejudicial que, pela ausência de comunicações, os médiuns em desenvolvimento apelem mentalmente para a presença de seus acompanhantes espirituais, religando-se com os mesmos, apesar de todas as providências tomadas em contrário pelos nossos Orientadores.

Esse apelo rompe as barreiras do isolamento.

Subverte a ordem natural do socorro.

Faz-nos permanecer jungidos aos nossos perturbadores, qual se realmente sentíssemos um prazer inconfessável pela companhia desequilibrante desses amigos infelizes.

Na ausência de comunicações, oremos.

Voltemos o nosso coração aos Céus.

Busquemos as companhias superiores que nos farão crescer moralmente e nos aprimorarão para bem servir os que sofrem.

São tão raros esses momentos que não deveremos anulá-los.

Recordemo-nos, acima de todos os nossos desejos, que na oração que Jesus nos legou, existe a resignação como pedra de toque, refletindo a nossa infância espiritual e o nosso desejo de aprendizagem: “Faça-se a tua vontade, assim na Terra como no Céu”.

37- AMPARA-NOS, SENHOR!

Senhor!

Abençoa os nossos corações.

Temos experimentado fazer-nos obreiros de sua Seara, utilizando-nos das bênçãos da oportunidade que nos são ofertadas pela Caridade Divina.

Orienta-nos, para honrarmos o mandato mediúnico.

Que a nova faculdade que o Senhor permite incorporar-se em nossa alma, seja utilizada para o nosso crescimento espiritual, repletando-nos do fermento de seu Evangelho de Amor.

Que não nos confiemos à inércia.

Que não malbaratemos os dons concedidos.

Que nossa mediunidade seja luz que se acende, iluminando as veredas e as escarpas dos caminhos da evolução de todos aqueles que virão após os nossos passos.

Que semeemos Verdade, aos escravos da fantasia.

Que semeemos paz, onde haja revolta.

Que semeemos amor, onde haja ódio.

Que semeemos humildade, onde haja orgulho.

Se conosco, Senhor!

FIM